



# A Igreja

## 40 anos da Lumen Gentium

### INDICE

EDITORIAL .....	2
MATÉRIA DE CAPA .....	3
<i>A centralização da Igreja é um dos problemas que ainda persistem</i> .....	3
Entrevista com Dom Aloísio Lorscheider .....	3
<i>Os dogmas da lumem Gentium</i> .....	6
Entrevista com Dom Boaventura Kloppenburg.....	6
<i>Lumen Gentium: o sonho que ficou a meio caminho</i> .....	9
Entrevista com Cleto Caliman.....	9
<i>Diversas imagens para uma mesma Igreja</i> .....	12
Entrevista com Álvaro Barreiro.....	12
<i>As primeiras comunidades interpelam a Igreja contemporânea</i> .....	16
Entrevista com Ronaldo Muñoz .....	16
DESTAQUES DA SEMANA.....	19
ANÁLISE DE CONJUNTURA.....	19

2º mandato de Bush: América Latina deixa de ser o quintal para se tornar a Atlântida, o continente perdido .....	19
ENTREVISTA DA SEMANA.....	22
Os seres vivos .....	22
MEMÓRIA .....	25
Celso Furtado.....	25
1920-2004.....	25
<i>Luta pelo Desenvolvimento - uma obra e um exemplo</i> .....	25
<i>Celso, o intelectual do outro Brasil</i> .....	26
<i>O maior economista foi um servidor da República</i> .....	27
<i>O fundamentalismo mercantil</i> .....	28
<i>Para onde caminhamos</i> .....	29
Obra completa do economista .....	30
DEU NOS JORNAIS .....	31
FRASES DA SEMANA.....	34
<b>EVENTOS IHU.....</b>	<b>36</b>
IHU IDÉIAS .....	36
Arquitetura e turismo.....	36
Eclesiologia hoje.....	37
SALA DE LEITURA.....	37
Educação pelo esporte .....	37
CICLO DE ESTUDOS SOBRE O BRASIL.....	38
ENCONTROS DE ÉTICA PARA ALUNOS.....	38
<b>IHU REPÓRTER .....</b>	<b>38</b>
ROBERTO WESTPHALEN HALEVA.....	38
SALA DE LEITURA.....	40
Enquete do sítio do IHU .....	41
CARTAS DO LEITOR.....	42

## EDITORIAL

*Há quarenta anos, no dia 21 de novembro de 1964, era promulgada a Lumen Gentium, a constituição dogmática sobre a Igreja, pelo Concílio Vaticano II. Para muitos leitores, talvez, tudo isso soe estranho. Mas, tratou-se de um acontecimento de fundamental importância para a vida e a caminhada da Igreja Católica no século XX. D. Aloísio Lorscheider, cardeal-arcebispo, então jovem bispo, participou desse evento e, com muita sinceridade, confessa na entrevista que publicamos neste número: “Quando terminou o Concílio, eu disse para meu secretário: “Eu não sei mais o que pensar”.*

*Neste número, refletimos sobre o sonho de Igreja que o Concílio inspirou à luz da atual “concentração católica” que não permite que as sementes conciliares desabrochem e produzam frutos. Ajudam-nos nesta reflexão, além de D. Aloísio Lorscheider, os*

teólogos, Cleto Caliman, Álvaro Barreiro, Ronaldo Muñoz e D. Boaventura Kloppenburg, um dos teólogos que assessorou os trabalhos conciliares.

Enquanto finalizávamos esta edição, foi noticiada a morte de Celso Furtado. Ele foi inúmeras vezes citado nos três anos de vida do nosso boletim. O livro **Formação Econômica do Brasil** foi estudado no 1º. Ciclo de Estudos sobre o Brasil, promovido pelo Instituto Humanitas Unisinos. A ele dedicamos a editoria Memória.

Celebrando o terceiro aniversário do boletim **IHU On-Line**, a partir de amanhã, dia 23 de novembro, terça-feira, o boletim será impresso em papel reciclável.

A todas e todas, uma ótima leitura e uma excelente semana!

[\(Voltar ao índice\)](#)

## MATÉRIA DE CAPA

### A CENTRALIZAÇÃO DA IGREJA É UM DOS PROBLEMAS QUE AINDA PERSISTEM

#### Entrevista com Dom Aloísio Lorscheider

O cardeal Dom Aloísio Lorscheider guarda sua participação no Concílio Vaticano II como uma das experiências que mais marcaram sua vida. Ele acredita que um dos maiores problemas da Igreja é o fato de ela não ter entendido o caráter pastoral do evento que deu uma reviravolta na vida da Igreja. O cardeal Dom Aloísio Lorscheider, OFM, concedeu a entrevista, que segue, ao **IHU On-Line**, na residência dos Franciscanos, em Porto Alegre, na última semana. Arcebispo Emérito de Aparecida do Norte, São Paulo, com 80 anos, renunciou ao cargo no dia 28 de janeiro de 2004. Dom Aloísio é cardeal desde maio de 1976, e sua ordenação episcopal foi em 1962. Sua ordenação presbiteral aconteceu em agosto de 1948, e sua profissão religiosa foi em fevereiro de 1944. Dom Aloísio Lorscheider é graduado em Teologia e Filosofia pelo Convento dos Franciscanos, de Divinópolis, Minas Gerais, e tem licenciatura e doutorado em Teologia Dogmática, pelo Pontifício Ateneu Antoniano, de Roma, na Itália. Seu lema é *In Cruce Salus et Vita* (Na cruz, a salvação e a vida). Durante o episcopado, Dom Aloísio foi bispo de Santo Ângelo, RS (1962-1973); secretário-geral da CNBB (06/1968-02/1971); presidente da CNBB (1971-1978); secretário nacional de Teologia e Ecumenismo da CNBB (1964-1971); coordenador da Comissão Episcopal de Doutrina; arcebispo de Fortaleza, CE (1973-1995); 1º vice-presidente e presidente do CELAM (1976-1979); 1º vice-presidente e presidente da Cáritas Internacional; membro do Secretariado para a União dos Cristãos; membro do Conselho Pontifício *Cor Unum*; membro do Conselho Permanente do Sínodo; representante da CNBB junto ao CELAM; membro da Congregação para os Bispos; membro da Congregação para o Clero; membro da Congregação para os Institutos de Vida Consagrada e Sociedade Vida Apostólica, membro do Conselho Pontifício da Cultura; e delegado da Assembléia Especial do Sínodo dos Bispos para a América (1997). Antes do episcopado, Dom Aloísio foi professor no Colégio Seráfico de Taquari, RS (1949-1952); professor de Teologia Dogmática, Espiritualidade e Pastoral em Divinópolis, MG (1953-1958); professor de Teologia Dogmática e diretor dos Estudantes no Pontifício Ateneu Antoniano em Roma (1958-1962), conselheiro provincial na Província Santa Cruz, MG; diretor dos Estudantes, em Divinópolis, MG; e visitador Canônico da Província Franciscana Portuguesa. Em co-autoria com José Beozzo, Dom Aloísio escreveu o livro **500 Anos de Evangelização da América Latina**. Petrópolis: Vozes, 1992. Ele foi cogitado como um dos possíveis sucessores do Papa João Paulo II e participou da Comissão Teológica do Concílio Vaticano II. Ao lado de Dom Boaventura Kloppenburg, apresentará o evento **IHU Idéias** da próxima quinta-feira, dia 25 de novembro, cujo tema será *Por onde anda a eclesiologia, hoje? Limites e possibilidades depois de 40 anos da Lumen Gentium*.

**IHU On-Line- Quais as diversas percepções de Igreja sentidas no Concílio?**

**Aloísio Lorscheider-** Foi uma série de percepções diversas que, no fim, ficaram, mais ou menos, registradas na *Lumen Gentium*. Lá começou-se a insistir no conceito de Igreja peregrina e igreja “povo de Deus”. Eu lecionava na época e tinha aprendido e ensinado muito mais que a Igreja era militante e “corpo místico de Cristo”. Significou uma mudança grande, uma reviravolta nas nossas vidas. Tanto que, quando terminou o Concílio, eu disse para meu secretário: “Eu não sei mais o que pensar”. Fiquei perplexo em relação a tudo o que tinha aprendido e ensinado. O Concílio revolucionou a Igreja, mas explicar essa revolução é muito difícil. A começar pela própria Missa, do latim passamos à língua portuguesa, de costas, passou a ser voltada para o povo. Parecia tão esquisito... Nós fomos formados em latim, até no Concílio falava-se em latim e, de repente, parecia tão esquisito. Nós fomos formados em latim, até no Concílio falava-se em latim e, de repente, parecia que tudo aquilo não servia para nada. Por outro lado, até então a Missa era celebrada individualmente. Para mim foi difícil acostumar-me ao novo. Quando comecei a notar que aquelas novas formas faziam o povo participar mais, me adaptei às mudanças. Nós tínhamos aprendido no Direito Público da Igreja que “a Igreja é uma sociedade perfeita” ao lado de outra sociedade perfeita que é o Estado: de repente não existia mais aquilo: a Igreja era um fermento na sociedade. Isso é uma mudança profunda. Os que participamos do Concílio éramos pré-conciliares, não éramos só nós que agíamos, era também o Espírito Santo que agia e tivemos também a ajuda de muitos teólogos que tinham uma visão nova de Teologia e de mudança na Igreja e na sociedade. Nós escutávamos tudo aquilo e votávamos conscientemente, só que votar era mais fácil do que se defrontar com todas aquelas mudanças para levar à vida.

**IHU On-Line- Que aspectos atingiu essa mudança no interior da Igreja?**

**Aloísio Lorscheider-** Foi uma reviravolta na Teologia, na liturgia, na moral. A nossa moral se baseava muito na casuística<sup>1</sup>. Agora a casuística não conta muito, o que conta é a lei do princípio, da moral, calcado na palavra de Deus. Antes era a palavra de Deus, sim, mas aplicávamos a moral, como casos e mais casos.

**IHU On-Line- Toda essa mudança foi interrompida em algum momento ou é um processo que continua?**

**Aloísio Lorscheider-** É um processo que continua. Embora eu acho, que o atual Papa freou bastante. Ele se tornou muito conservador em relação à Igreja, não em relação ao Estado. Minha impressão é que ele fala muito bem de aplicar o Concílio, mas nem sempre aplica, porque nosso Papa não teve muita vivência pastoral, ele teve mais vivência de luta com o comunismo, aí ele é bravíssimo, conhece bem as coisas. Mas na vivência pastoral concreta, ele e muitos outros da Cúria Romana são fracos. Nesse sentido, eles não conseguem compreender o Concílio, porque o Vaticano II foi profundamente pastoral, não foi dogmático nem jurídico, mas é claro que atinge o dogma, o direito e a moral, mas foi profundamente pastoral. E isso muita gente não entendeu ainda. Acho que é uma falha que existe em grande parte da Igreja, não foi entendida a pastoralidade desse Concílio. Em países que eu tenho percorrido da Europa, por exemplo, tudo parece ter ficado como era antes do Concílio. Não houve esta renovação como o Concílio queria. Aqui, no Brasil e, até certo ponto, na América Latina,

---

<sup>1</sup> Casuística, segundo o *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa* 2.ed. (Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986. p. 367), é o estudo dos casos de consciência, isto é, dos problemas concretos que se apresentam à ação moral (nota do *IHU On-Line*).

colocamos essa mudança em prática. Os episcopados colombiano, venezuelano, argentino, uruguaio são todos episcopados que resistem, enquanto nos outros, como no boliviano, no equatoriano, no chileno e no nosso, demos muitos mais passos para a frente. Entendemo-nos muito mais no campo pastoral do Concílio. Acho que o país que mais pôs em prática o Concílio até hoje foi o Brasil, sem vaidade nenhuma. O Brasil se tornou um país que sobressai pela sua Teologia e pastoral e, por isso, soube compreender o Concílio. Muitos olham para o Brasil com muita esperança. Por aplicar o Concílio, é que nós somos sempre considerados meio suspeitos.

**IHU On-Line- O que faz a diferença que ajudou ou não às Igrejas a levar à prática o Concílio?**

**Aloísio Lorscheider-** Dito em poucas palavras: há episcopados que estão mais perto do povo e tentam compreender as problemáticas que ele vive, e outros que ficam mais no campo do princípio, do “nós achamos que deve ser assim”. No Brasil, a Campanha da Fraternidade é um exemplo disso que deveria ser mais estudado. A cada ano, é abordado um problema real, que está na carne de nosso povo. Às vezes, se faz uma leitura da ortodoxia de nossa igreja, que é muito mais ortopraxis. O grande problema da Teologia da Libertação é que os teólogos da libertação insistiam na ortopraxis e não na ortodoxia. Isso dava a impressão para muita gente de Roma de que nos estávamos afastando da verdade, mas não é assim. Nós pomos na frente a praxis cristã, que busca ajudar o povo nos seus problemas mais gritantes. Por isso tudo, podemos dizer que temos duas Constituições muito importantes e ainda não encontramos a síntese: a *Lumen Gentium* e a *Gaudium et Spes*. Nós, brasileiros, somos muito mais da *Lumen Gentium* que da *Gaudium et Spes*. A *Gaudium et Spes*, com muita prudência, diz que ela é para o seu tempo. Diferente da *Lumen Gentium* cujos princípios são para sempre. Há que ler todo o Concílio à luz da sem esquecer da *Gaudium et Spes*. Mas, acho que agora a *Gaudium et Spes* devia ser revista. Os bispos deviam ser convocados para fazer uma revisão da *Gaudium et Spes*, o espírito que está por trás dela é fantástico, porque é esse espírito pastoral. A fé deve ajudar a resolver os problemas do povo. A *Gaudium et Spes* foi um grande esforço de conciliar fé e vida, mas, talvez, não tenha conseguido totalmente. Haveria que rever os problemas específicos da pessoa humana hoje, em que coisas ela está sendo desrespeitada. Hoje não está em jogo o marxismo, e sim o individualismo, fruto de uma doutrina liberal que se espalha por todo o planeta que valoriza a pessoa não pelo que é, e sim pelo que produz, e, quando não produz mais, é descartada. O problema de fundo está um pouco entre a *Lumen Gentium* e a *Gaudium et Spes*. Para a apresentação no evento IHU Idéias, na próxima quinta-feira, eu apenas toco no problema, mas não aprofundo. Não encontramos ainda a síntese entre esse aspecto teológico mais doutrinário e esse aspecto mais pastoral.

**IHU On-Line- Que coisas ficaram menos claras na formulação da Constituição *Lumen Gentium*?**

**Aloísio Lorscheider-** A relação entre o Papa e o Episcopado, por exemplo. Primado de jurisdição do Papa e dos bispos, que também têm o poder pleno, universal, mas sempre sob a condução do Papa. Mas o que significa isso? É ou não é? Não temos muita clareza. O direito das Conferências Episcopais, também. Há uma defasagem no estabelecimento de onde existe um poder e outro. Isso já no campo doutrinário. Imagina no campo pastoral!

**IHU On-Line- Na prática, haveria uma centralização no pontificado?**

**Aloísio Lorscheider-** Para mim, o Papa atual, reconhece isso, ele viveu uma época em que, na Polônia, o cardeal Wisinski era a figura e todos os bispos da Polônia pensavam como o Cardeal Wisinski, porque se alguém pensava diferente era “furar o esquema”, e isso era mal visto. João

Paulo II pensa da mesma maneira. Se não pensamos, como ele, estamos “furando o esquema”, por isso ele não larga os bispos, as conferências, não tem coragem. Ele diz: “Vamos estudar juntos, sentar com os teólogos, mas isso não acontece nunca”.

#### **IHU On-Line- Como a Igreja no Brasil tem sentido essa centralização?**

**Aloísio Lorscheider-** Na nomeação dos bispos, damos sugestões, mas eles nomeiam quem eles querem. Nós indicamos nomes de nossa confiança, mas são ignorados.

#### **IHU On-Line - Quais são as principais mudanças que, segundo sua visão, são mais urgentes na Igreja?**

**Aloísio Lorscheider-** Depende do poder da Igreja. Enquanto este poder não for definido em sua totalidade, será muito difícil dizer que mudanças. Um dos aspectos muito discutidos hoje é dos ministérios e também o do poder de decisão do leigo cristão: voto consultivo, apenas, ou, também, deliberativo. Finalmente, a questão do lugar da mulher na Igreja requer-se maior clareza. Essa centralização demasiada deve-se superar. O próprio Papa disse para nós: “Eu sou polonês, tenho a Igreja polonesa na minha carne e no meu sangue”. E é verdade, mas os assessores deviam ajudá-lo nesse aspecto. O Papa pode ser um grande homem, mas tem essa deficiência que, no meu entender, prejudica a Igreja. A centralização exagerada nunca é boa, pois perde-se muita riqueza, e é um grande impedimento para o diálogo ecumênico. A centralização e o afastamento do povo são as duas coisas a mudar mais urgentemente.

[\(Voltar ao índice\)](#)

## **OS DOGMAS DA LUMEN GENTIUM**

### **Entrevista com Dom Boaventura Kloppenburg**

*Nascido em Molbergen, na Alemanha, Dom Boaventura Kloppenburg, OFM, 85 anos, é Bispo Emérito de Novo Hamburgo, RS. Ele conversou com a redação do **IHU On-Line** em sua residência, em Novo Hamburgo, sobre o tema que, na edição desta semana, discutimos na matéria de capa. Dom Boaventura renunciou ao bispado em 22 de novembro de 1995. Sua nomeação e ordenação episcopal ocorreu em 1982 e sua ordenação presbiteral foi em 1946. Ele realizou sua profissão religiosa em 1945. Durante o episcopado, Dom Boaventura foi bispo auxiliar da Arquidiocese de Salvador, Bahia (1982-1986 e Bispo Diocesano de Novo Hamburgo, RS (1986-1995. Foi membro e consultor de várias Congregações da Cúria Romana. Antes do episcopado, foi professor de Teologia Dogmática em Petrópolis, RJ (1951-1971), Porto Alegre, RS (1972), Roma (1973), Medellín, Colômbia (1974-1982); redator da Revista Eclesiástica Brasileira (1951-1972); Reitor do Instituto Teológico-Pastoral do CELAM, em Medellín (1973-1982); Prefeito de Estudos em Petrópolis, RJ (1952-1960); perito na Comissão Teológica do Concílio Vaticano II; membro da Pontifícia Comissão Teológica Internacional (1975-1990); perito nas Conferências Gerais do Episcopado Latino-americano no Rio (1955), em Medellín (1968) e Puebla (1979). Dom Boaventura é graduado em Filosofia pelo Seminário Central, de São Leopoldo, e em Teologia pelo Convento Franciscano, de Petrópolis, no Rio de Janeiro. É doutor em Teologia Dogmática, pela Pontifício Ateneo Antonianum, de Roma, na Itália. Tem várias obras publicadas, entre as quais citamos Concílio Vaticano II (Petrópolis: Vozes, 1962-1966 - 5 tomos); Eclesiologia do Vaticano II. Petrópolis: Vozes, 1971; e A fé do Cristão Católico hoje. Petrópolis: Vozes, 2001. Ao lado de Dom Aloísio Lorscheider, apresentará o evento IHU Idéias da próxima quinta-feira, dia 25 de novembro, cujo tema será Por onde anda a eclesiologia, hoje? Limites e possibilidades depois de 40 anos da Lumen Gentium.*

**IHU On-Line- O senhor participou do Concílio como perito da Comissão Teológica que redigiu o documento *Lumen Gentium* qual a lembrança mais viva que guarda dessa experiência?**

**Boaventura Kloppenburg-** Eu gostei muito de toda essa transformação provocada no Concílio. Mas nunca imaginei, naquela época, que daí poderia surgir uma crise. Para mim, a crise foi uma surpresa. Acabo de ler um livro que defende o terceiro segredo de Fátima, e aproveita para falar contra o Concílio dizendo que foi puramente pastoral, sem valor dogmático. Mas não é assim, por isso eu vou falar a respeito dos 40 anos da *Lumen Gentium* sobre a qualificação teológica dessa Constituição.

**IHU On-Line- Quais seriam os dogmas da *Lumen Gentium*?**

**Boaventura Kloppenburg-** Assim como o Vaticano I definiu o primado e a infalibilidade do Papa, também o Vaticano II definiu o dogma da Colegialidade dos bispos, o caráter sacramental da ordenação dos bispos; não se fala mais em consagração, mas em ordenação. Teologicamente, ordenação é mais forte, um verdadeiro sacramento como a ordenação diaconal e sacerdotal de caráter indelével, para toda a vida. Um só sacramento em três graus. A colegialidade corresponde ao primado pontifício do sucessor de Pedro. Antes os bispos eram quase vigários do Papa, agora não. Eles têm ordem e em virtude dessa ordem podem atuar sozinhos. Por exemplo, quando fui bispo de Novo Hamburgo, notei que, nos finais de semana, muita gente ia para regiões onde não havia missa e declarei que a missa de segunda-feira de noite, na Catedral, teria o valor da missa dominical. Alguns não gostaram dessa decisão, mas eu tenho autonomia para tomá-la. A figura teológica do Vaticano II é muito diferente.

**IHU On-Line- Essa discussão entre o caráter dogmático e o caráter pastoral da *Lumen Gentium* apareceu fortemente na discussão do documento?**

**Boaventura Kloppenburg-** Na 123ª Congregação Geral, dia 16 de novembro de 1964, quatro dias antes da solene promulgação da *Lumen Gentium*, o secretário geral Felici leu na Aula Conciliar uma Declaração sobre a qualificação teológica dos documentos do presente Concílio, elaborada pela Comissão Teológica. Por ocasião da votação do terceiro capítulo da *Lumen Gentium*, alguns padres haviam solicitado esclarecimento oficial sobre o valor teológico de todo o documento. A Comissão, na resposta aos “modos”, deu primeiro uma lição muito genérica: “Como é de praxe, o texto do Concílio deve ser interpretado segundo as regras gerais, conhecidas por todos”. Esta, aliás, tinha sido sempre a resposta, quando, no seio da própria Comissão, surgia o delicado problema. Com isso, na realidade, se fugia a um pronunciamento claro. Por isso a Comissão, há tempo, se vinha preocupando com uma resposta mais positiva. Já no dia 25 de outubro de 1963, aprovara a seguinte fórmula: “Tendo em conta o costume conciliar, este Concílio define somente aquilo que deve ser mantido em matéria de fé ou de costumes e que o Concílio indica claramente. Por isso aquilo sobre o que o Concílio não o declarar, não é definido pelo Concílio, mas exposto pelo autêntico Magistério como doutrina da Igreja”. Esta fórmula foi no dia seguinte comunicada aos Moderadores do Concílio. Entretanto, um mês depois, o secretário geral do Concílio leu na Aula Conciliar um texto modificado, não se sabe por quem. Eis o texto lido em forma oficial na Aula, na 78ª Congregação Geral, poucos dias antes da solene promulgação da Constituição sobre a Liturgia no dia 04-12-1963: “Tendo em conta tanto o costume conciliar, **como a finalidade peculiar deste Sínodo, que é principalmente pastoral**, este Concílio define de **modo infalível** apenas aquilo que, em matéria de fé ou de costumes, é mantido por toda a Igreja e que o Concílio indicar como tal. Por isso o resto, sobre o qual o Concílio não o declarar abertamente, não é por ele **infalivelmente** definido, mas exposto pelo magistério autêntico como doutrina da Igreja”. As

palavras aqui grifadas foram introduzidas por poderosas mãos interessadas e misteriosas, sem conhecimento da Comissão. Era manifesta a intenção de diminuir o valor teológico dos pronunciamentos doutrinários do Concílio. E não revelo nenhum segredo se lembro que, no ambiente dominante da Roma eclesiástica, não faltavam elementos inconformados com a doutrina que se esboçava cada vez mais clara na maioria dos bispos reunidos na Aula Conciliar. Este grupo oposicionista (mas então ainda na direção) esperava poder, com o tempo, descartar-se de uma doutrina considerada nova e até perigosa, alegando mais tarde que o Concílio tivera apenas finalidades pastorais, sem condições básicas para pronunciamentos dogmáticos, pois teria faltado a necessária intenção. Mas alguns membros da Comissão Teológica não se conformaram com o texto assim tão arbitrariamente modificado e lido na Aula Conciliar, no dia 29 de novembro de 1963. Nomeou-se por isso nova subcomissão para rever a fórmula, que foi aprovada pela Comissão no dia 6 de março de 1964 e promulgada pelo mesmo secretário geral na mencionada 123ª Congregação Geral, dia 16 de novembro de 1964, nos seguintes termos: “Tendo em conta o costume conciliar e a finalidade pastoral do presente Concílio, este Santo Sínodo define apenas o que na Igreja é aceito em matéria de fé e de costumes, e que, como tal, é declarado pelo Concílio. O resto que o Sínodo propõe como doutrina do Supremo Magistério da Igreja, todos e cada fiel deve aceitar e abraçar segundo a mente do Santo Sínodo, que consta ou da matéria, ou do modo de falar, segundo as normas da interpretação teológica”. Não se declara, pois, a inexistência de definições propriamente ditas. A fórmula recorda apenas um princípio fundamental de interpretação, segundo o cânon 749: “Nenhuma doutrina se considera infalivelmente definida, se isso não constar claramente”. É um princípio válido para todos os Concílios, não apenas para o Vaticano II. Dizendo *cetera autem* (o resto), a fórmula até parece insinuar a existência de definições formais. No mais, a fórmula é vaga, quase sibilina e, falando com precisão, exatamente nada nos diz de novo e nos remete às supostamente conhecidas normas de interpretação teológica e à busca por conta própria da mens *Concilii*, a ser colhida, ou da doutrina exposta ou do modo como ela é apresentada, exatamente como é de praxe fazer com os outros Concílios. Não nos resta, portanto, outro caminho senão o de abrir a *Lumen gentium* e investigar sua *mens* e sua *ratio dicendi*, para daí tirarmos nossas conclusões sobre seu valor teológico. Já no título, o documento assume a natureza de uma Constituição “dogmática”. É a forma mais solene que se conhece. O documento sobre a Liturgia, publicado na segunda sessão, era “Constituição” simplesmente. Usualmente este título é reservado aos textos de natureza doutrinária; os documentos com disposições disciplinares são “decretos”. Seu título, pois, está a indicar que estamos diante de um texto com conteúdo doutrinário. A Comissão que o elaborou chama-se oficialmente “*Commissio* de Doutrina *Fidei et Morum*” (ela continua sendo conhecida como “Comissão Teológica”, que era seu nome na fase preconciliar). Há, ainda, uma particularidade interessante: o texto entregue aos padres conciliares (e que foi sumariamente discutido na última semana da primeira sessão, sendo, então, praticamente rejeitado), já vinha como *Schema Constitutionis Dogmaticae*; o mesmo título continuou no esquema de 1963 e amplamente debatido na segunda sessão; mas o texto, entregue em 1964, dizia simplesmente *Schema Constitutionis de Ecclesia*, sem o *Dogmaticae*. Esta omissão deve ter sido proposital, porém não fora feita pela Comissão responsável. Provavelmente, a mesma poderosa, misteriosa e inconformada mão que antes modificara e enfraquecera o sentido da fórmula sobre a qualificação teológica dos documentos conciliares ousou cancelar também aqui a palavra *dogmaticae* com o mesmo fim de debilitar o valor dogmático do texto. Na Aula Conciliar, ninguém protestou contra a misteriosa omissão. Mas na Comissão houve vivos protestos e na promulgação definitiva o documento tornou a ser o que realmente é e quer ser: *Constitutio Dogmatica de Ecclesia*.



[\(Voltar ao índice\)](#)

## **LUMEN GENTIUM: O SONHO QUE FICOU A MEIO CAMINHO**

### **Entrevista com Cleto Caliman**

*Para o teólogo salesiano Cleto Caliman, entrevistado por **IHU On-Line** por e-mail, o sonho da Lumen Gentium continua. “A Igreja que vivemos hoje é, sem dúvida alguma, mais arejada do que 40 anos atrás. Há nela mais participação, menos uniformidade e mais diversidade. Por outro lado, o sonho parece ter ficado a meio caminho. O sonho foi um pouco bloqueado por forças mais conservadoras no interior da Igreja, que hoje se manifestam com mais força, espelhando a nova situação cultural do final do século XX e do início do século XXI. Elas conseguiram, em parte, redirecionar a compreensão da Igreja mais voltada para o seu interior, arregimentando forças para tornar mais visível o que alguns chamam de “concentração católica”, mas o sonho continua”. Caliman foi professor de Teologia Sistemática na PUC-MG de 1971 a 1986, diretor e professor no Instituto Santo Tomás de Aquino (ISTA), e é professor de Teologia Pastoral no Centro de Estudos Superiores da Companhia de Jesus, desde 2003. Licenciado em Filosofia pela Faculdade Dom Bosco de Filosofia, Ciências e Letras, São João del Rei, de Minas Gerais, é bacharel em Teologia pelo Instituto Pio XI, de São Paulo, mestre em Teologia pela Universidade Pontifícia Salesiana, de Roma, e doutor em Teologia pelo Centro de Estudos Superiores da Companhia de Jesus, de Belo Horizonte. Entre outros livros, é autor de **Sedução do Sagrado: o Fenômeno Religioso na Virada do Milênio**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.*

**IHU On-Line- Qual é o significado de celebrar 40 anos da Lumen Gentium? Foi realizado o sonho escrito 40 anos atrás?**

**Cleto Caliman-** Quando João XXIII fez o discurso de abertura do Concílio, ele indicou três aberturas fundamentais para a Igreja: abertura ao mundo contemporâneo (resultou sobretudo na *Gaudium et Spes*, Constituição pastoral sobre “A Igreja no mundo de hoje”); abertura aos irmãos não-católicos, como se dizia naquele tempo (resultou no decreto sobre o “Ecumenismo”); abertura ao mundo dos pobres. Esse terceiro desejo de João XXIII não teve a mesma resposta do Concílio. Foi no pós-concílio, a partir das Igrejas do Terceiro Mundo, que esse desejo tem sua resposta. Essas três aberturas significam também ver com um olhar diferente do tradicional a Igreja, depois de praticamente um milênio de cristandade ou seus derivados. Na prática, significa uma nova compreensão da Igreja em três eixos: 1) na relação da Igreja com o mundo, de uma Igreja mais voltada sobre si, pensada como “sociedade perfeita”, distanciada da sociedade moderna e com saudade da Idade Média, para uma Igreja mais voltada para o mundo, pensado agora não mais como “lugar” separado, profano, alheio à Igreja, mas como história, “lugar” da própria autocomunicação de Deus e lugar em que a Igreja exerce a sua missão evangelizadora. Para isso desenvolveu-se uma teologia dos “sinais dos tempos”. As realidades terrestres adquirem um significado para a fé cristã; 2) na relação da Igreja católica com as demais Igrejas e tradições cristãs não católicas, pela abertura ecumênica. O Concílio não partiu do velho refrão de que “fora da Igreja não há salvação”, mas da Igreja como “mistério”, expressão da vontade salvífica universal de Deus que quer que todos, sem exceção se aproximem dele. Partiu da compreensão da Igreja como “povo de Deus”, uma categoria bíblica que abre a compreensão da Igreja em direção ao povo escolhido de Israel e, ao mesmo tempo, aos irmãos protestantes que prezam, sobremaneira, as Escrituras; 3) no interior da Igreja, houve um deslocamento da atenção da hierarquia para os fiéis. Tomando como ponto de partida a categoria povo de Deus como povo de batizados, partindo do que diz respeito a todos antes de qualquer diferenciação interna, o Concílio abre

caminho para a participação e a co-responsabilidade de todos os batizados na missão da Igreja. Agora, se você me pergunta hoje se o sonho da Igreja que se delinea na *Lumen Gentium* se realizou, minha resposta é matizada. Em parte sim. A Igreja que vivemos hoje é, sem dúvida alguma, mais arejada do que 40 anos atrás. Há nela mais participação, menos uniformidade e mais diversidade. Por outro lado, o sonho parece ter ficado a meio caminho. O sonho foi um pouco bloqueado por forças mais conservadoras no interior da Igreja, que hoje se manifestam com mais intensidade, espelhando a nova situação cultural do final do século XX e do início do século XXI. Elas conseguiram, em parte, redirecionar a compreensão da Igreja mais voltada para o seu interior, arregimentando forças para tornar mais visível o que alguns chamam de “concentração católica”. O sonho continua.

**IHU On-Line- Quais os significados comprometidos nos conceitos de "povo de Deus" e de "corpo místico de Cristo" e qual a tensão entre ambas visões de Igreja?**

**Cleto Caliman-** Entre a categoria “povo de Deus” e a imagem “Corpo místico de Cristo” não há oposição. Cada um desses conceitos denota uma dimensão fundamental da Igreja. “Corpo místico de Cristo” expressa melhor a interioridade misteriosa da Igreja. Abre caminho para a participação de todos os fiéis no mistério de Cristo, em condição de igualdade diante de Deus. Já a categoria “povo de Deus” foi usada pelo Concílio por três motivos. Primeiro, para indicar a origem divina da Igreja. A Igreja é povo “de Deus” e não meramente uma realidade sociológica. Segundo, para indicar a plena historicidade da Igreja no mundo. Ela é expressão da Encarnação do Verbo de Deus, seu sacramento histórico. O mundo agora faz parte da própria compreensão da Igreja. Seu lugar de realização é, pois, não fora do mundo, mas dentro dele como dinamismo evangélico para a sua transformação. Terceiro, para indicar uma abertura ao ecumenismo. Sendo uma categoria bíblica, ela predispõe os nossos irmãos não-católicos a acolher a intenção ecumênica declarada solenemente pela Igreja católica no Concílio.

**IHU On-Line- Qual é a visão eclesiológica "pano de fundo" do atual pontificado?**

**Cleto Caliman-** Para responder a esse quesito é preciso recordar um pouco a história da “recepção” da eclesiologia conciliar no período pós-conciliar. “Recepção” é uma categoria teológica para indicar a acolhida que as Igrejas locais e os fiéis espalhados por todo o mundo dão às orientações que chegam dos órgãos de direção da Igreja. No caso do Concílio e de sua compreensão de Igreja, a “recepção” foi, desde cedo diferenciada, para não dizer conflitiva. O fato é o seguinte. Na produção do texto conciliar as diferentes tendências internas da Igreja chegaram a um consenso sobre uma determinada redação. Cada lado se viu espelhado no texto. Mas nem por isso ficou anulada a própria visão da Igreja. No pós-concílio a diferença persiste. Mais ainda porque a leitura se faz não mais, digamos assim, a partir dos bispos reunidos em Concílio, mas a partir do “espaço humano”, histórica e culturalmente situado, pelo mundo afora. Vamos ver a Igreja como povo de Deus no mundo de hoje, complexo e conflitivo, ou vamos cuidar melhor da Igreja enquanto “mistério” ou “sacramento”, “comunhão” em busca de uma unidade mais profunda com os pastores? O uso das categorias não é inocente. Ele sempre revela o interesse de cada parte. “Povo de Deus” expressa melhor a participação da Igreja na sociedade. Foi e continua sendo a preocupação nossa aqui na América Latina, com a opção preferencial pelos pobres, as CEBs, as pastorais sociais, puxando para a libertação integral do ser humano na sua dimensão pessoal e social (nesta direção temos a Assembléia de Medellín, 1968, e de Puebla, 1979). “Comunhão” expressa melhor o modo de ser próprio da Igreja. Ele é expressão da comunhão trinitária. Sob esse ângulo é uma excelente abordagem da Igreja. Mas se presta a um jogo perigoso na medida em que esse “comunhão” é entendida de forma unilateral, como “comunhão hierárquica”, pressionando para um “recentramento” da

Igreja, que beira o autoritarismo. A linha mais conservadora conseguiu impor essa releitura da eclesiologia conciliar no Sínodo Extraordinário de 1985, em comemoração aos 20 anos do término do Concílio, deixando no esquecimento a chave eclesiológica “povo de Deus”. Essa compreensão esquece a dimensão batismal da “comunhão”. Todos os batizados são sujeitos dessa comunhão pela ação do Espírito Santo no coração de todos e cada um dos fiéis. Essa grande comunhão nos bens do Reino nos faz todos uma grande fraternidade em peregrinação pela história.

**IHU On-Line- Como a Igreja poderia ser mais democrática? Há algumas tendências eclesiológicas nesse sentido na atualidade?**

**Cleto Caliman-** Logo depois do Concílio apareceu o projeto de uma *Lex Fundamentalis Ecclesiae*, ou seja, de uma lei fundamental da Igreja. Esse “Lei fundamental” deveria basear-se na igualdade fundamental de todos os batizados, uma espécie de “carta magna” da Igreja. Nessa época falou-se muito em “democratização” da Igreja. Mas logo se viu que esse termo, no contexto de conflito entre ideologias à direita e à esquerda, o uso desse termo poderia induzir a uma compreensão errônea da vida eclesial. Mas o espírito que conduziu essa busca democrática na Igreja não sumiu. Creio que ele permanece entre nós quando estamos constantemente buscando aprofundar a “participação”, a “co-responsabilidade”, “o caminhar solidário”, na Igreja e na sociedade.

**IHU On-Line- Quais são os principais desafios para a Igreja, hoje? Que novas eclesiologias são necessárias?**

**Cleto Caliman-** Os desafios são muitos. Mas tendo resumi-los em quatro: primeiro, a persistência da pobreza no continente. Mais ainda, o seu agravamento na exclusão social. Num mundo marcado pelo neoliberalismo triunfante o pobre é não só oprimido, como se dizia depois de Medellín<sup>2</sup>, mas também excluído, como se começa a dizer depois dos anos 80 do século XX. O segundo desafio está no nível da cultura: ou seja, a Igreja tem que agir pastoralmente numa situação cultural contraditória em que se encontra hoje a “cultura urbana”, situada entre a “cultura da satisfação”, do supérfluo, do consumismo, e a “cultura da sobrevivência”, da miséria e da fome, do trabalho informal e dos “desvios sociais” (droga, gatunagem, contrabando etc.). O terceiro desafio está no nível da comunicação: ante a parafernália dos instrumentos avançados de comunicação - os Meios - está o desafio da *solidão*, da incomunicação de indivíduos cada vez mais fechados sobre si mesmos. O quarto desafio se situa na participação. Apenas 20% dos católicos são realmente “participantes”; os demais 80% comparecem apenas raramente à sua comunidade para buscar algum serviço e para cumprir algum rito. Vive no catolicismo tradicional (popular) ou no catolicismo “secularizado” e individualista. Os dois têm pouca sensibilidade comunitária. Para enfrentar esses desafios hoje seria preciso retomar a inspiração primeira do Concílio. De uma Igreja menos voltada para si mesma e mais comprometida com o mundo, com o povo. No término do Concílio, Paulo VI apontou o caminho da Igreja. Ela deve ser servidora da humanidade. Isto significa deixar para trás qualquer pretensão de hegemonia, tutela sobre a sociedade. Implica numa eclesiologia do “povo de Deus peregrino” e solidário com a humanidade. Assim inicia a *Gaudium et Spes*: “As alegrias e esperanças, as tristezas e as angústias dos homens de hoje, sobretudo dos pobres e de todos os que sofrem, são também as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos discípulos de Cristo”. Nesse caminho indicado pelo Concílio à Igreja eu creio.

---

<sup>2</sup> O entrevistado refere-se à II Conferência Episcopal Latino-Americana, realizada em Medellín, Colômbia, em 1968 (Nota do *IHU On-Line*).

**IHU On-Line- Poderia dizer-se que as distâncias entre a Igreja e o mundo, que podiam existir 40 anos atrás, diminuíram na atualidade?**

**Cleto Caliman-** Acho que o percurso da Igreja em relação ao mundo mudou um pouco. 40 anos atrás a Igreja fez uma passagem fundamental, como dizia Roger Garaudy<sup>3</sup>, a Igreja passou “do anátema ao diálogo”. Deixou para trás o tempo do confronto, para estabelecer com o mundo um diálogo crítico, mas positivo, em vista do bem de toda a humanidade. 40 anos passados, o clima parece diferente. O caminho parece inverso. Vemos uma Igreja preocupada mais consigo mesma, com sua vida interna. Basta olhar para os temas dos Sínodos desde a década de 80 do século XX até o que se anuncia para 2005 (sobre a Eucaristia). Todos voltados para a disciplina interna da Igreja.

**IHU On-Line- O que a Igreja pode dizer hoje de se mesma?**

**Cleto Caliman-** É difícil dizer o que a Igreja hoje pode dizer de si mesma. “A Igreja são muitas”. Há tendências variadas dentro da Igreja. Cada qual tem sua voz, desde as tendências mais fundamentalistas até as mais críticas à condução da Igreja. Pessoalmente acho que devemos distinguir entre vozes que se fazem ouvir como resposta a conjunturas históricas (muitos movimentos na Igreja são reativos: reagem à insegurança, à incerteza do tempo, e montam as suas estratégias a partir dessa reação) e a palavra permanente da Igreja (esta deve sempre partir da sua consciência evangélica, expressa um compromisso que antecede mesmo a percepção da história e provoca os fiéis a irem ao encontro dos desafios de hoje de forma ativa, propositiva). Esta deve viver radical e profeticamente o Evangelho de Jesus Cristo como caminho de vida.

**IHU On-Line- Algum outro aspecto que deseje acrescentar e não foi perguntado?**

**Cleto Caliman-** Acho que já disse o bastante. Acrescento apenas que, no início do século XXI temos um novo clima cultural que já não é mais o do tempo do Concílio. Naquele tempo estávamos no término de uma época, a modernidade com sua razão, cheia de otimismo e orgulho de suas potencialidades. Hoje estamos em plena crise da modernidade e de sua razão, estamos no que se convencionou chamar de pós-modernidade. Creio ser uma nova chance para a Igreja avançar na sua renovação, em diálogo com o momento cultural de hoje, retomando o Concílio num novo clima, de forma mais propositiva, articulando sua inspiração com as novas buscas de hoje. A “recepção” do Concílio e de sua compreensão de Igreja continua.

[\(Voltar ao índice\)](#)

## DIVERSAS IMAGENS PARA UMA MESMA IGREJA

### Entrevista com Álvaro Barreiro

*O teólogo jesuíta espanhol, radicado no Brasil, Álvaro Barreiro valoriza as diversas imagens de igrejas construídas ao longo da história do cristianismo. “No Novo Testamento, há aproximadamente 80 imagens, símbolos, concepções ou modelos de Igreja. Eles foram vividos, aprofundados e transmitidos ao longo da história pela teologia e a pastoral da época patrística, medieval, moderna e atual. Cada modelo de Igreja tem seus pontos fortes, mas nenhum deles é capaz de expressar adequadamente a riqueza do mistério da Igreja.*

---

<sup>3</sup> Roger Garaudy (1923): Intelectual idealista francês, protestante, que depois tornou-se comunista e depois marxista, depois católico e depois muçulmano. **Do anátema ao diálogo** e **A grande virada do socialismo** são dois de seus livros publicados em português. (Nota do **IHU On-Line**).

Por isso, é lícito e necessário privilegiar ora uns, ora outros; e acrescentar símbolos e modelos novos". Barreiro é membro do Centro de Espiritualidade Inaciana (CEI), de Itaici, São Paulo, onde reside. Graduado em Filosofia pela Universidade Nossa Senhora Medianeira, de Nova Friburgo, em Humanidades, pela Casa dos Jesuítas, de Salamanca, e em Teologia pela Universidade de Innsbruck, na Áustria, é também doutor em Teologia pela Universidade Gregoriana de Roma, com a tese *A teologia da relação Igreja-mundo, na Constituição Pastoral sobre a Igreja no mundo de hoje. Gaudium et Spes*. Álvaro Barreiro é pós-doutor pela Universidade de Georgetown, nos Estados Unidos. É autor de diversos livros, entre os quais citamos **A parábola do pai misericordioso**. São Paulo, Loyola, 1998; **Assumiu a nossa carne e acampou entre nós**. São Paulo: Loyola, 2002; **Manifestou-se assim**. São Paulo: Loyola, 2003; e **Buscar a Deus e encontrar-se em Deus, como orar no mundo de hoje**. São Paulo: Loyola, 2004. A entrevista que segue nos foi concedida por ele, por e-mail.

#### **IHU On-Line- Qual é o significado de celebrar 40 anos da *Lumen Gentium*?**

**Álvaro Barreiro-** A Constituição *Lumen Gentium* apresenta a Igreja como "Igreja da Trindade". Sua origem e seu destino são trinitários. A Igreja que caminha na história, a "Igreja dos viandantes no tempo", remete para antes da história e para além da história. Ela é o "sacramento" que opera, pela força do Espírito, o designio salvífico de Deus na história. A essa riqueza acena o título do Capítulo 1: "Sobre o mistério da Igreja". No primeiro parágrafo, a Igreja é descrita como a servidora do designio salvífico de Deus, como a servidora da comunhão de todos os seres humanos, "desde o justo Abel até o último eleito", com Deus e entre si. Essa missão e esse serviço pertencem à natureza mesma da Igreja. Numa reunião de Comunidades Eclesiais de Base (CEBs), nos anos 1970, ao discutir o que é e o que deve ser a Igreja, um participante anônimo disse: "A Igreja é Deus com nós, nós com Deus e nós com nós". Esta afirmação expressa, numa linguagem popular, a essência da missão da Igreja, diz, no fundo, o mesmo que tinha dito o grande pastor e teólogo São Cipriano, bispo de Cartago de 249 a 258, 1700 anos antes da eleição de Ângelo Roncalli<sup>4</sup> para ser bispo de Roma: A Igreja é "o povo reunido a partir da unidade, segundo o modelo de unidade do Pai, do Filho e do Espírito Santo". Essa é a razão pela qual devemos celebrar, na ação de graças, os 40 anos da *Lumen Gentium*.

#### **IHU On-Line- Quais os significados contidos nos conceitos de "Povo de Deus" e de "Corpo místico de Cristo" e qual a tensão entre essas duas visões da Igreja?**

**Álvaro Barreiro-** Na resposta dada à pergunta anterior, está já contida, de forma implícita, a riqueza da concepção da Igreja como "Povo de Deus". A *Lumen Gentium* fala também, nos oito parágrafos do número 7 do Capítulo 1, da Igreja como "Corpo do Cristo". A riqueza desta categoria eclesiológica tinha sido redescoberta, divulgada e vivida intensamente entre 1920 e 1940, data da publicação da encíclica *Mystici Corporis*. Ela pertence ao coração da concepção paulina do mistério da Igreja. A Igreja do Antigo Testamento era o "Povo de Deus", mas não era o "Corpo de Cristo". A concepção da Igreja como Corpo de Cristo expressa a novidade da eclesiologia do Novo Testamento, no qual há, aproximadamente, 80 imagens, símbolos, concepções ou modelos de Igreja. Eles foram vividos, aprofundados e transmitidos ao longo da história pela teologia e a pastoral da época patrística, medieval, moderna e atual. Cada modelo de Igreja tem seus pontos fortes, mas nenhum deles é capaz de expressar adequadamente a riqueza do mistério da Igreja. Por isso, é lícito e necessário privilegiar ora uns, ora outros; e acrescentar símbolos e modelos novos. Entre todas as concepções e imagens da Igreja, devem

<sup>4</sup> Ângelo Roncalli foi eleito Papa, em 1958, tomando o nome de João XXIII. O Concílio Vaticano II foi convocado por João XXIII no dia 25 de janeiro de 1959. O Concílio iniciou no dia 11 de outubro de 1962 e terminou no dia 8 de dezembro de 1965. (Nota do *IHU On-Line*).

ser privilegiadas as três que remetem à Trindade: Povo de Deus, Corpo de Cristo e Templo do Espírito. A Igreja é, com efeito, usando a expressão de Bruno Forte<sup>5</sup>, o “ícone da Trindade”.

***IHU On-Line- Quais são os principais desafios da Igreja hoje, num mundo tão diferente dos anos 1960?***

**Álvaro Barreiro-** Os grandes desafios com que a Igreja se defronta ao longo de sua história são, fundamentalmente, sempre os mesmos. Com eles se defrontaram os primeiros discípulos, chamados por Jesus e que seguiram Jesus, os membros das primeiras comunidades cristãs, e todos os outros cristãos que, ao longo dos vinte séculos de história da Igreja, optaram por ser discípulos e seguidores de Jesus. O que muda é o contexto social, cultural, político e econômico, no qual a fé cristã – que é sempre pessoal e, ao mesmo tempo, essencialmente comunitária – tem de ser vivida e testemunhada. Os desafios novos para viver e testemunhar a fé cristã no mundo de hoje são as características das sociedades em que vivemos, características que, muitas vezes, se opõem a valores fundamentais da fé cristã ou que dificultam sua vivência. Nesse sentido, podemos indicar como os grandes desafios para viver a fé cristã, que nos é transmitida pela Igreja, a secularização, o agnosticismo, o pluralismo, o individualismo e o subjetivismo.

***IHU On-Line- É possível a democracia na Igreja? É possível caminhar nesse sentido?***

**Álvaro Barreiro-** Um dado significativo para responder a essa pergunta é a gênese da *Lumen Gentium*. O esquema preparado para ser apresentado na aula conciliar tratava, no Capítulo 1, da Hierarquia, e, no Capítulo 2, do Povo de Deus. Esse esquema foi rejeitado pelos padres conciliares, que mudaram a ordem dos temas tratados. No documento final, o tema do Povo de Deus é tratado antes, no Capítulo 2; e depois, no Capítulo 3, é tratado o tema “da constituição hierárquica da Igreja, especialmente do episcopado”. Essa mudança mostra que as pessoas que têm um ofício na Igreja também fazem parte do Povo de Deus e estão a seu serviço. A igualdade fundamental do Povo de Deus, que é todo ele um povo sacerdotal, é anterior às diferenças de carismas, estados de vida e ministérios. Usando a terminologia de Y. Congar<sup>6</sup>, a realidade primeira na Igreja é a “ontologia da graça”, a realidade da existência cristã. O ministério dos bispos, e todos os outros ministérios na Igreja, estão a serviço da “antropologia cristã”. Nessa linha, é significativo, como já dissemos, que o conteúdo do Capítulo 1 seja o pressuposto necessário para a compreensão e a prática dos conteúdos dos Capítulos 2 e 3. O título do Capítulo 1: “Sobre o mistério da Igreja”, deve ser entendido tendo presente a riqueza

---

<sup>5</sup> Bruno Forte, teólogo italiano, consultor do Pontifício Conselho para a Unidade dos Cristãos e membro da Comissão Teológica Internacional. Teólogo de grande fama, celebrado escritor, o professor Bruno Forte ministra cursos e conferências em muitas universidades européias, americanas e asiáticas. Nascido em Nápoles, no ano de 1949, foi ordenado sacerdote em 1973. É doutor em Teologia e em Filosofia. Professor ordinário de teologia dogmática na Pontifícia Faculdade de Teologia da Itália Meridional, localizada em Nápoles, colabora também em numerosas revistas européias. Autor de inúmeros livros, citamos entre eles **A essência do cristianismo**. Petrópolis: Vozes, 2003. Publicou pela Editora Paulus os livros: **Introdução à fé: aproximação ao mistério de Deus; Na memória do Salvador; Teologia da História: Ensaio sobre a revelação**. Pelas Edições Loyola, publicou, em 2002, o livro **Teologia em Diálogo. Para quem quer e para quem não quer saber nada disso**. O teólogo concedeu uma entrevista ao *IHU On-Line* na 79ª edição, de 13 de outubro de 2003, sob o título “Teologia e pós-modernidade”. Recentemente, foi nomeado bispo pelo Papa João Paulo II. (Nota do *IHU On-Line*).

<sup>6</sup> Yves Marie-Joseph Congar (1904-1995): teólogo francês conhecido por sua participação no Concílio Vaticano II. Foi elevado cardeal pelo papa João Paulo II, em 1994, um ano antes da sua morte em 22 de junho de 1995, em Paris. Congar escreveu muito sobre o ecumenismo. Dedicamos a editoria Memória da 102ª edição do *IHU On-Line*, de 24 de maio de 2004, à comemoração do centenário de nascimento de Congar (Nota do *IHU On-Line*).

do termo “mistério” na teologia paulina. Todo o primeiro parágrafo da *Lumen Gentium* deve ser entendido cristologicamente. “A luz dos povos” não é a Igreja, mas é Cristo. É o que afirma o documento nas suas primeiras palavras: “Sendo Cristo a luz dos povos”. A finalidade do Concílio em geral, e do texto da *Lumen Gentium* em particular, é que a luz de Cristo resplandeça na face da Igreja para que ela, pelo anúncio do Evangelho, ilumine todos os homens. Anunciando e testemunhando o Evangelho, a Igreja será, no meio do mundo, “sacramento da comunhão dos homens com Deus e dos homens entre si”. É igualmente significativo, como também dissemos, que o tema do Capítulo 3: “Sobre a constituição hierárquica da Igreja e em especial sobre o episcopado”, tenha sido tratado depois do Capítulo 1: “O Povo de Deus”. Respondendo à pergunta à luz desse dado, podemos dizer que a Igreja não é uma democracia no sentido de que o Povo de Deus possa decidir, pelo voto da maioria, segundo o seu gosto no momento, o que a Igreja deve ser e deve fazer nos diversos contextos históricos. É, porém, uma “democracia”, e não uma “aristocracia”, no sentido de que a finalidade de todas as formas de pastoreio dos bispos é servir ao Povo de Deus, seguindo o exemplo de Jesus e dos Apóstolos. A Igreja à qual os bispos servem é literalmente, segundo a etimologia da palavra grega *Ekklesia*, a “assembléia reunida”.

**IHU On-Line- A eclesiologia da *Lumen Gentium* pode ser ainda inspiradora, 40 anos depois de ter sido publicada?**

**Álvaro Barreiro-** Se a *Lumen Gentium* for corretamente compreendida e vivida, ela continuará sendo inspiradora e transformadora da vida dos cristãos. E, por meio deles, a Igreja será “luz para os povos”. Os cristãos conscientes de sua vocação e de sua missão, serão agentes de libertação, de fraternidade e de comunhão no mundo em que vivem. Usando uma expressão de Dom Hélder Câmara, se sentirão movidos a “converter a massa em povo”, a transformar as condições de vida infra-humana das pessoas em formas de vida condizentes com sua dignidade de filhos de Deus. As multidões de pobres, marginalizadas e exploradas na América Latina, são, na sua grande maioria, formadas por cristãos, por filhos de Deus que foram batizados. Não será a Igreja institucional, recorrendo ao poder, nem será uma autoproclamada “Igreja popular”, dirigida por uma vanguarda de iluminados, seguindo um *sendero luminoso*, que libertará os cativos e porá em pé os oprimidos. Para que o direito e a justiça sejam praticados e os cativos sejam liberados, é necessário o empenho dos estados, dos governos e da sociedade. A Igreja, como Povo de Deus, como Corpo de Cristo, como comunidade dos discípulos e seguidores de Jesus, movida pela força do Espírito, deixando-se conduzir pelo Espírito, tem que se entregar a essa libertação, correndo todos os riscos, inclusive o do martírio cruento, executado por ordem dos “donos do poder” do momento.

**IHU On-Line- Algum outro aspecto que queira acrescentar e que não foi perguntado**

**Álvaro Barreiro-** A Igreja é o Povo de Deus que peregrina pelos caminhos deste mundo, porque fazem parte de um povo de peregrinos, os cristãos carregam a poeira e o suor, as fraquezas e os cansaços de todos os caminheiros. A Igreja é, por um lado, a epifania do amor de Deus presente e atuante no mundo, é um “povo santo”, que foi santificado pelo amor de Deus. Mas, por outro lado, por ser Igreja peregrina, é um “povo pecador”. A expressão “povo santo e pecador” é usada na oração eucarística do Congresso Eucarístico de Manaus, aprovada por Roma. Por ser um “povo pecador”, na Igreja, na vida dos cristãos que a formam, haverá sempre manifestações de egoísmo, de fechamento, de falta de fé ou de pouca fé, de falta de esperança e de falta de amor. A Igreja sem manchas e sem rugas, totalmente purificada, só existirá depois da Parusia, na Igreja celeste. A Igreja peregrina terá sempre motivos, como dizia Santo Agostinho, para repetir com toda verdade a petição do Pai Nosso: “Perdoai-nos as

nossas ofensas”. Que a Igreja seja “povo santo e pecador” deve ser motivo de consolação para nós, porque, como dizia G. Bernanos<sup>7</sup>, se fosse somente a Igreja dos santos, não haveria lugar para nós, ficaríamos completamente perdidos, dando voltas ao chapéu nas mãos, como um caipira no *hall* de um hotel de cinco estrelas. Hoje em dia, não são poucos os cristãos que, seja porque ficaram marcados por experiências negativas dentro da Igreja, seja por ideologia, vivem criticando a Igreja, acusando a Igreja, jogando pedras contra a Igreja, mas nunca praticam a autocritica nem batem no próprio peito, porque considero esse ponto muito importante, escrevi um livro tentando responder a esse problema. O título é “Igreja, povo santo e pecador”. O subtítulo, que resume seu conteúdo, é “Estudo sobre a dimensão eclesial da fé cristã, a santidade e o pecado na Igreja, a crítica e a fidelidade à Igreja” (Col. “Theologica”, 6, São Paulo: Loyola, 2001). Só defrontando-se honestamente com esses problemas, e encontrando uma resposta para eles, será possível amar a Igreja e servi-la com alegria na sua missão de ser “luz dos povos”.

[\(Voltar ao índice\)](#)

## AS PRIMEIRAS COMUNIDADES INTERPELAM A IGREJA CONTEMPORÂNEA

### Entrevista com Ronaldo Muñoz

*“A Igreja deve assumir uma fidelidade criativa, que não é repetitiva, servil, mecânica, que serve a um espírito profundo e se adapta às situações novas, recorrendo às melhores experiências de convivência democrática, incorporando-as e assumindo-as no espírito de Jesus. O Concílio e a Lumen Gentium, em particular, seguem sendo documentos inspiradores, mas, sem dúvida, haveria que recriá-los, no mesmo espírito, mas em condições que são novas”. Essa é a opinião do teólogo chileno Ronaldo Muñoz, reconhecido teólogo da libertação na América Latina. Tem vários livros escritos, e é ativo dinamizador dos movimentos sociais da região. Em 1970, dois dias depois de terminar seu doutorado em Teologia na Alemanha, Ronaldo Muñoz chegou ao Chile, seu país natal, para estabelecer-se nas populações marginais de Santiago. Viveu 26 anos nesses bairros populares. Há apenas três anos, mudou-se para o sul do Chile para trabalhar com sua comunidade natal entre camponeses pobres, tanto mestiços como indígenas. Entre outros livros, é autor de **O Deus dos cristãos**. Petrópolis: Vozes, 1986. A entrevista foi concedida ao **IHU On-Line** por telefone, em espanhol.*

#### **IHU On-Line – Qual é o significado de celebrar 40 anos da Constituição Lumen Gentium e do Concílio Vaticano II em geral?**

**Ronaldo Muñoz** – O Concílio Vaticano II significou um esforço muito sério e profundo para recuperar as raízes da experiência cristã no mundo e na cultura de hoje. Isso, especialmente na América Latina, significou a possibilidade de superar um espírito que, sob a condução da Igreja Católica, favorecia um certo eurocentrismo cultural e um envelhecimento das estruturas, das mentalidades na Igreja, muito amarradas a esquemas pré-modernos, pré-científicos, inclusive, às vezes, medievais. Uma Igreja que assumia uma postura defensiva frente ao movimento cultural, aos processos emancipadores da modernidade, à idéia de democracia, a necessidade e a importância de cada ser humano e cada grupo humano pensar os grandes desafios da vida,

<sup>7</sup> Georges Bernanos (1888-1948). Romancista e ensaísta francês. Mesmo não sendo padre, Bernanos é considerado um dos escritores católicos mais originais de seu tempo. Ao contrário de muitos escritores franceses contemporâneos, Bernanos era um ativista ardente do monarquismo francês. Seu livro de maior destaque é *Diário de um Pároco de Aldeia*. (Nota do **IHU On-Line**)



da história, da sociedade. A Igreja estava muito na defensiva. O Concílio significou, como expressou drasticamente João XXIII, um abrir de janelas, para que entre ar fresco na Igreja e hoje já diria abrir portas para os cristãos, neste caso, os católicos, extremos e nos relacionemos com realismo, com honestidade intelectual, com um sincero desejo, não só de levar uma mensagem, mas aprender sobre o homem, a cultura e a sociedade, hoje, incorporando-nos em um processo histórico que, por muitas ambigüidades, tenha obtido e vivido avanços muito importantes, mas também vive muitas contradições, em termos de conflitos, de violência, de injustiça social, inclusive de insensibilidade frente à dor e aos direitos dos mais desfavorecidos. Quarenta anos depois da publicação da *Lumen Gentium*, junto com outros documentos do Concílio Vaticano II, é uma boa oportunidade para avaliar o caminho percorrido, porque, nestes anos, não somente houve uma recepção, uma assimilação desta nova mentalidade do Concílio, como também ocorreram reações, resistências, certas tendências regressivas ou involutivas, de voltar às posições de autodefesa, de um certo fechamento, de um certo desentendimento de problemas, às vezes, graves ou trágicos que sofre a humanidade. Há grandes desafios, que vivemos atualmente e que nos desafiam para uma abertura muito grande, a uma generosidade cada vez maior.

***IHU On-Line – Como se expressaram as diferentes correntes de pensamento sobre a Igreja na construção do documento?***

**Ronaldo Muñoz** – Eu creio que houve uma certa tensão e também uma busca de complementação entre dois símbolos da Igreja que resumem as grandes questões que estiveram em debate: corpo de Cristo e povo de Deus. A experiência da Igreja como povo de Deus se revelou de uma enorme fecundidade, especialmente na América Latina. Para nós foi assumido como uma certa irrupção do Povo pobre, simples, na sociedade, na história. Naturalmente com avanços, retrocessos, de forma muito desigual no continente, mas estou convencido de que, por essa linha, de uma recuperação das raízes da nossa cultura popular, comunitária, solidária, é por aí que transita a corrente do futuro, no qual se vislumbra uma convivência mais humana para a mesma humanidade. Creio que, nesse tema, o da recuperação do conceito e da experiência bíblica do Povo de Deus e do Deus do Povo, a importância dos pobres, das comunidades concretas, da solidariedade, da gente simples, por esse caminho, encontramos uma reserva de humanidade muito importante.

***IHU On-Line – O atual Papa João Paulo II, em sua participação no Concílio defendia mais a visão do Corpo Místico de Cristo. O pontificado atual refletiu essa opção de alguma forma?***

**Ronaldo Muñoz** – Faço uma apreciação pessoal, com todas as minhas limitações. Julgo que o longo pontificado de João Paulo II tem significado um claro avanço, e, às vezes, muito corajoso e criativo, no que diz respeito aos grandes desafios da justiça social em nível mundial. Mas, por outro lado, em um sentido que me parece contraditório no conceito teológico da compreensão da Igreja, vem reforçando estruturas hierárquicas e de controle mais coerentes com uma visão pré-conciliar. Em certo sentido, há um retorno à maneira de entender e de conduzir a Igreja mais própria do Papa Pio XII. Essa é a minha impressão, haveria que definir mais os matizes, para não ser injusto. Eu diria que, sem dúvida, enquanto concepção e prática da condução da Igreja, tem ocorrido um certo retrocesso. Isso tem reaberto muitas feridas da Igreja.

***IHU On-Line – Seria possível a democracia na Igreja? De que forma?***

**Ronaldo Muñoz** – A Igreja primitiva, dos primeiros séculos foi uma Igreja mais que democrática, muito fraterna. Todos os grandes assuntos eram debatidos na comunidade, todos

os cargos importantes na Igreja eram tema de debates abertos e também se pratica a eleição das autoridades da Igreja. Essa era a prática corrente, e isso nos marcos de uma cultura como era o Império Romano e de muitos povos dominados por ele, uma cultura muito patriarcal, autoritária. A Igreja cristã, em sua maneira de conviver e de organizar-se – porque toda comunidade necessita algum tipo de organização, de liderança – era muito criativa. No entender, sem desejar fazer juízos categóricos a respeito de uma história muito complexa, é importante resgatar o tipo de convivência, de organização e de gestão de lideranças e de debates abertos, característicos da experiência comunitária cristã. Isso, por assim dizer, permite ir reconhecendo a Igreja, que se transformou primeiro em um império, depois em uma série de monarquias. Os bispos são pequenos monarcas e são nomeados “de cima”. Essa maneira de viver, como os primeiros cristãos, é necessária para recuperar a fidelidade da fraternidade cristã, que é a grande mensagem de Jesus e de sua própria prática, e para entender sua convivência e praticá-la nas igrejas cristãs e na sociedade de hoje. A Igreja deveria ser, na sociedade, um fermento de fraternidade igualitária, e não uma hierarquia autoritária.

***IHU On-Line – Para que isso se torne realidade, a Constituição *Lumen Gentium* serve ainda de inspiração ou, 40 anos depois, é preciso pensar outras eclesiologias?***

**Ronaldo Muñoz** – As duas coisas. Creio que os caminhos da eclesiologia, da prática da Igreja, temos que buscá-los Nos melhores momentos da história tem sido assim, uma sábia integração de fidelidade ao melhor da tradição, porque remonta a Jesus, à revelação de Deus, à história bíblica que culmina em Jesus com uma escuta muito atenta ao que João XXIII chamou “os sinais dos tempos”, as aspirações do povo, o caminhar da cultura, sempre praticando um discernimento. Não se trata de assumir os modismos, mas assumir uma fidelidade criativa, que não é repetitiva, servil, mecânica, que serve a um espírito profundo e se adapta às situações novas, recorrendo às melhores experiências de convivência democrática, incorporando-as e assumindo-as no espírito de Jesus. O Concílio e a *Lumen Gentium*, em particular, seguem sendo documentos inspiradores, mas, sem dúvida, haveria que recriá-los, no mesmo espírito, mas em condições que são novas. Nos últimos 40 anos, houve mudanças enormes na maneira de conviver, na cultura, na situação política, social, econômica, geopolítica, planetária.

***IHU On-Line- Como está contemplada a mulher na *Lumen Gentium* eclesiologia hoje?***

**Ronaldo Muñoz**- Praticamente a mulher não aparece na *Lumen Gentium*. Não há uma consciência da necessidade de recuperar igual dignidade, igual protagonismo, efetivo da mulher na Igreja. É necessário romper uma cultura patriarcal que domina ainda na Igreja. Quiçá nisso avançou-se bastante depois do Concílio. O melhor da Igreja, nas suas bases, entre os camponeses, nos bairros marginais, são as mulheres, mas a estrutura oficial da Igreja continua sendo patriarcal, e esse é um dos desafios que temos em mãos. Devemos buscar, no cristianismo primitivo, o protagonismo da mulher, que foi absorvido pelo patriarcalismo, à medida que a Igreja foi se adaptando e assimilando um pouco as estruturas do Império Romano e a cultura greco-romana, que é tremendamente machista.

***IHU On-Line- Como está o ecumenismo?***

**Ronaldo Muñoz**- Um tema também que estamos vivendo com muitas contradições. O Concílio significou uma grande aventura no ecumenismo que foi anunciado primeiro por outras igrejas cristãs de tradição evangélica protestante ou a ortodoxa. A Igreja Católica se incorporou mais tardiamente no movimento ecumênico transcristão, para chamá-lo de alguma maneira. Com João XXIII e o Concílio, houve um grande avanço. O Papa João Paulo II fez gestos muito significativos no sentido de recuperar o ecumenismo do Concílio. Sua carta sobre Ecumenismo

que está quase completando 10 anos<sup>8</sup> abriu muitas portas, que são desmentidas com as instruções práticas e disciplinares do governo central de Roma. No geral, nos setores dirigentes de Roma, tem se retrocedido muito em relação ao ecumenismo, e isso também provoca reações, como falta de credibilidade para dar passos e continuar nesses caminhos e uma certa desconfiança de parte de outras igrejas cristãs. Sentem que a Igreja volta a um certo projeto de unir as outras igrejas nela. Não é esse o caminho proposto pelo Concílio nem pelo atual Papa. Trata-se de irmanar-nos, reconciliar-nos, aprender umas com as outras, aprender as diversas formas de ser cristão.

**IHU On-Line- Que três coisas o senhor diria se hoje, 40 anos depois, tivesse que responder à pergunta da LG “Igreja que dizes de ti mesma”?**

**Ronaldo Muñoz-** É uma experiência intensa de fraternidade universal à que estamos chamando todos os homens e mulheres deste mundo, uma experiência intensa e contagiosa de fraternidade, de dignidade igualitária de todos os homens. Uma experiência muito profunda de espiritualidade, do Deus da vida, que é o sentido mais profundo da vida de cada ser humano de cada grupo humano e da criação inteira e, em relação com isso, que vivamos uma nova esperança de um futuro melhor para a humanidade, que aprofundemos as raízes dessa esperança e que aprendamos a globalizá-la.

[\(Voltar ao índice\)](#)

## DESTAQUES DA SEMANA

### Análise de Conjuntura

#### 2º MANDATO DE BUSH: AMERICA LATINA DEIXA DE SER O QUINTAL PARA SE TORNAR A ATLANTIDA, O CONTINENTE PERDIDO

*Traduzimos e publicamos a entrevista de Moisés Naim, diretor da revista **Foreign Policy** e ex-diretor do Banco Mundial. A entrevista foi publicada no jornal espanhol **El País**, em 7-11-04.*

**El País: Por que venceu Bush as eleições deste ano?**

**Moisés Naim:** Há meses se pensou que, o que iria determinar a decisão dos votantes, era a economia. Pouco a pouco, à medida que se enredava o Iraque e se descobria a inquietude com a qual foi planejada a guerra e mal executado o pós-guerra, pensou-se que era o Iraque. E agora vemos que o que motivou uma grande quantidade de votantes foram os valores, o termo que se usa para falar de atitudes com respeito à religião, ao aborto, aos homossexuais e a outros assuntos culturais. É incorreto buscar um só fator, pois ocorreu a combinação de vários.

**El País: Voltou-se a subestimar Bush?**

---

<sup>8</sup> O entrevistado refere-se à carta encíclica *Ut Unum Sint*, do Papa João Paulo II sobre o empenho ecumênico, escrita em maio de 1995 (Nota do **IHU On-Line**).

**Moisés Naim:** Sem dúvida. E o problema é que não se sabe a quem se está subestimando. Bush já não é Bush, é a organização Bush. E isso inclui operadores muito conhecidos, como Karl Rove ou Karen Hughes e outros muito menos conhecidos, mas muito eficazes. Não há dúvida de que os republicanos são muito superiores na arte das campanhas eleitorais, além de porem anúncios por televisão. É uma arte que inclui diversos elementos aparentemente não relacionados, que maneja listas maciças de eleitores que recebem mensagens específicas e que tem tarefas concretas para facilitar o voto no dia das eleições.

**El País: Bush é o presidente mais votado da história, em termos absolutos. Vai exercer seu mandato de maneira mais generosa?**

**Moisés Naim:** Sou cético. Por uma parte, Bush tem que afirmar agora que é o momento de o país se unir e enfrentar os desafios, curando as feridas da campanha. Mas o fato é que ele é um presidente que ainda em 2000 ganhou como ganhou, governou como se houvesse obtido um mandato definitivo, ignorando a metade que votou em seu opositor. Se isso se passou então, o que se passará agora, o que vai fazer a organização Bush, quando tem este mandato muito mais amplo, com o domínio absoluto do Congresso e a possibilidade de configurar um Tribunal Supremo que transforme muitas coisas fundamentais nos Estados Unidos, incluindo, quiçá, o direito ao aborto?

**El País: Mas nestes quatro anos se passaram muitas coisas.**

**Moisés Naim:** Não há dúvida de que Bush teve uma educação presidencial. Embora esta educação tenha custado muito ao seu país e ao mundo, tem podido aprender que tentar fazer as coisas sozinho é muito oneroso e, às vezes, impossível. E que necessita de outros para lutar contra o terrorismo, reconstruir e estabilizar o Iraque, conter a instabilidade no Oriente Próximo. Esta pode ter sido a educação dos primeiros quatro anos. Mas, é preciso não subestimar que ele é um homem muito ambicioso e muito audaz. Tentou mudar o mundo e os EUA de maneira muito profunda e não há porque pensar que essas doses de audácia e ambição não o vão acompanhar neste segundo período. A tentação de mudar os Estados Unidos através do Supremo estará aí, e não é fácil imaginar Bush contendo-se para não cair nessa tentação.

**El País: E, se muda o foco, isso quer dizer que se afastará do mundo, que se retirará do cenário internacional?**

**Moisés Naim:** Ele pode ter não só a tentação, senão o desejo de deixar o mundo em paz, mas, desgraçadamente, os presidentes dos Estados Unidos se dão conta em seguida de que é o mundo que não os deixa em paz. Clinton queria dedicar-se à economia e teve a Somália, a Bósnia, os Balcãs, a Rússia e sua instabilidade. O ocupante da Casa Branca sabe, ou se apercebe rápido, de que pode ter a ilusão de não dever ocupar-se do mundo, mas o mundo não lhe permite que isso ocorra. Bush estará condenado a atender o mundo, e provavelmente o fará com essa audácia e ambição que o caracterizam.

**El País: E fá-lo-á de forma diferente da que conhecemos?**

**Moisés Naim:** Eu creio que é preciso esperar que a política exterior dos Estados Unidos se oriente agora com critérios mais pragmáticos. Por exemplo, Bush será muito mais aberto com os países europeus, não porque se tenha enamorado da nova ou da velha Europa, senão porque dela necessita para atender o Oriente Próximo e o Iraque em particular. Se não tivesse essa necessidade e não tivesse a necessidade de que seus serviços de inteligência trabalhem muito coordenadamente com os dos países que têm as populações islâmicas mais importantes do mundo ocidental, a Europa teria menos incentivos para ele. A relação econômica com a

Europa é importante, porém não fundamental. Nestes momentos, o centro de gravidade econômico do mundo está se deslocando da metade do Atlântico à metade do Pacífico, em direção à Ásia. Bush necessita da Europa, mas por assuntos de segurança.

***El País:* O que se passará com os neoconservadores que ditaram a política exterior? Ganharão com a vitória de Bush ou pagarão por tê-la tornado tão difícil?**

**Moisés Naim:** Eu creio que, de nenhuma maneira, serão despedidos. Vão antes ser bem tratados. O problema é que suas propostas resultam agora mais dispendiosas do que os EUA possam se permitir. A idéia de andar pelo mundo reconstruindo países ou promovendo a democracia é uma idéia que jaz enterrada nas areias do Iraque. É uma lástima, porém, propor nestes dias em Washington que se lance um projeto democratizador no Oriente próximo, o único que produz são gargalhadas ou o convite a abandonar a reunião. É uma idéia que perdeu muita credibilidade, desgraçadamente. A idéia de que os EUA vão embarcar na organização de outros países é algo que também perdeu credibilidade.

***El País:* O que vai se passar com o Iraque? A prioridade de Bush agora é sair de lá?**

**Moisés Naim:** Não há dúvida de que a prioridade é sair tão logo possa e diminuir tanto quanto possa o número de norte-americanos mortos e feridos, mas isso já está acontecendo faz um ano. O assunto não é quando, senão como.

***El País:* Visto desde Washington, que tipo de relação deveria manter agora o governo espanhol com os Estados Unidos?**

**Moisés Naim:** A Espanha teve um papel fundamental, porque esteve muito disposta, com o presidente Aznar, a aliar-se com os EUA, mesmo sendo contra os sentimentos da maioria da população. Uma vez que essa alternativa não existe, não está claro o que a Espanha pode aportar aos EUA. A Espanha não é competitiva nem sequer como ameaça, no sentido de que é um bom aliado, muito importante na luta antiterrorista, mas não economicamente...

***El País:* A América Latina vai aparecer no mapa da Casa Branca?**

**Moisés Naim:** A América Latina é a região para a qual foi cunhada a frase que acabo de aplicar à Espanha. A América Latina não tem armas nucleares nem terroristas, não tem exportações nem é um protagonista econômico importante. Deixou de ser o quintal dos Estados Unidos, para ser a Atlântida, o continente perdido.

***El País:* E assim vai prosseguir?**

**Moisés Naim:** Assim vai prosseguir, com a diferença de que, embora a América Latina não esteja de maneira significativa no mapa dos estrategistas de Washington nem dos investidores de Wall Street, os latino-americanos estão, sim, em todas as ruas estadunidenses. Os Estados Unidos talvez possam dar-se ao luxo de ignorar a região, mas os latino-americanos já estão formando parte fundamental da sua dinâmica política e cultural.

***El País:* De que não estamos falando no mundo e deveríamos fazê-lo? Que coisas preocupam você?**

**Moisés Naim:** Uma das maiores ameaças, à parte as óbvias, são, em termos de terrorismo, as conseqüências da explosão de artefatos nucleares *sujos*, de material radiativo que se faz explodir, ou um ataque químico em algumas capitais do mundo, com mortos suficientes para criar um ambiente de terror. Preocupam-me as conseqüências que teriam estes fenômenos para a soberania dos países, para as regras do jogo. Quer dizer, não tanto que vá haver um

ataque, senão a reação dos Estados Unidos e do mundo: Como se vai viver, por exemplo, depois de um atentado contra três capitais importantes? Qual é a reação? O que se passa? A segunda é algo de que não se falou na campanha, porque ambos os candidatos o evitaram: o déficit fiscal e o déficit de conta corrente. O mundo vive num desequilíbrio macroeconômico fundamental; os Estados Unidos acumularam, nestes quatro anos de Bush, um déficit fiscal quase sem precedentes e exacerbaram um déficit de balanço de pagamentos que já acumula há dez anos. Isso tem que começar a equilibrar-se em algum momento, o que implicará custos. Corrigir esse desequilíbrio, diminuí-lo, tem custos, e a pergunta é: Como vão se distribuir esses custos no mundo e com que conseqüências políticas? Quem vai absorver o custo de que os Estados Unidos equilibrem sua economia? E, por último, sobre a Europa, preocupa-me o vulnerável que é denegrado. Como se vai manter a relação que agora existe entre trabalhadores e pensionistas? Para que em 2050 esse índice se mantenha igual, a Europa necessitará de 374 milhões de imigrantes. É preciso trabalhar mais anos, ou diminuir a qualidade de vida dos pensionistas, ou melhor, é preciso mudar a estrutura econômica da sociedade.

[\(Voltar ao índice\)](#)

## Entrevista da semana

### OS SERES VIVOS

*A entrevista que segue, realizada com o paleontólogo e biólogo Niles Eldredge, na Itália, hóspede do Festival da Ciência, para apresentar o livro **A vida sobre a terra**, foi publicada no jornal **Il Manifesto**, de 10 de novembro de 2004. Ele fala sobre o valor da diversidade biológica frente ao risco de uma sexta extinção, alimentada pela ocupação humana de todos os nichos ecológicos. Niles Eldredge, paleontólogo e biólogo evolucionista, trabalha como curador no American museum of natural history. Junto com Stephen Jay Gould<sup>9</sup> é o fundador da teoria dos equilíbrios pontilhados, que, numa ótica plenamente darwinista, concilia os longos períodos de êxtase evolutivo com o nascimento de novas espécies. Como o seu amigo e ex-colega Gould, é autor de numerosos livros de divulgação. Na Itália saiu recentemente a reedição de **La vita sulla terra**, a enciclopédia da biodiversidade, da ecologia e da evolução”, por ele organizada (Codice edições).*

Se há algo que possa assemelhar-se a um hino à diversidade, laico, científico, mas bem outra coisa do que frio, é o livro do paleontólogo e biólogo Niles Eldredge, **La vita sulla terra** (995 p., 58 Euros), um dos oito livros que a casa editora Codice publicou em conexão com a realização do Festival da ciência de Gênova. Um festival que se encerrou nesta segunda-feira e que teve a participação de mais de 165 mil pessoas, 20% a mais do que no ano passado. Niles Eldredge apresentou esta obra, da qual é organizador e em parte autor, “uma enciclopédia da biodiversidade, da ecologia e da evolução”, como reza o subtítulo, numa freqüentadíssima conferência no último fim de semana, que teve, também, a participação dos etólogos Enrico Alleva e Danilo Mainardi, do biólogo do desenvolvimento Patrick Bateson, do gastrônomo mais

<sup>9</sup> Stephen Jay Gould (1941-2002) foi um dos evolucionistas mais destacados do século XX. Ele é autor de inúmeros livros, entre os quais **Wonderfull life**. WW Norton, 1999, traduzido para o português pela Companhia das Letras em 1990, sob o título **Vida Maravilhosa**. Este livro foi apresentado no evento **Abrindo o Livro**, promovido pelo IHU em 5 de outubro de 2004, pela professora Tânia Dutra, da Unisinos. (Nota do **IHU On-Line**)

famoso do mundo Carlo Petrini, presidente de *Slow food* [Alimentação leve], do historiador Pietro Corsi e do filósofo da ciência Telmo Pievani.

Uma mina de ouro para todo aquele que queira procurar bases para tentar compreender a biodiversidade sobre o planeta Terra, um olhar transversal que vê a ecologia e a evolução entretecer-se conjuntamente com biologia, paleontologia, antropologia, geologia, demografia, economia, geografia, etnologia, meteorologia e mesmo ética (“beleza da natureza, biofilia e ética” é uma das idéias mais interessantes compiladas pelo mesmo Eldredge). O todo temperado por quatro ricos ensaios que introduzem o volumoso trabalho (quase mil páginas) e que enfrentam as questões centrais do debate: o que é a biodiversidade, por que ela é importante para os seres humanos, quais são as ameaças e o que podemos fazer para barrar a sexta extinção global.

Tudo nasce disto: a vida existe sobre a terra há mais de três bilhões e meio de anos e existe até em lugares que até há pouco tempo eram pensados como inabitáveis, como as rochas a 3.500 metros de profundidade, com temperaturas até 75 graus. Mas, a flora e a fauna de hoje não representam senão o 0,1% de todas as espécies que viveram sobre a terra. Em outras palavras, 99% dos organismos que povoaram a terra se extinguiram. E houve, pelo menos, cinco fases nas quais desapareceu de cena uma quantidade enorme de espécies (as “extinções em massa”), provocadas por algum processo físico. A última, há 65 milhões de anos, é aquela por todos conhecida, na qual desapareceram, entre outros, também os dinossauros, permitindo aos mamíferos ocuparem novos nichos ecológicos e a se diversificarem em tantas espécies diversas, entre as quais o *homo sapiens*.

Pois bem, como o estimou o biólogo Edward Wilson<sup>10</sup>, a terra está perdendo três espécies a cada hora, ou seja, 30 mil espécies a cada ano. Confrontadas com o número de espécies descritas (1,75 milhões), ou com a estimativa do número de espécies efetivamente existentes sobre a terra (pelo menos 10-12 milhões, alguns arriscam estimar em torno de 100 milhões), podem parecer pouquíssimas. Mas, a este ritmo, em outros mil anos, terão desaparecido todas. É a sexta grande extinção. E não é que tenha começado nestes anos: iniciou quando o homem começou a difundir-se sobre o planeta, ocupando todos os nichos ecológicos (como uma verdadeira e própria “espécie alheia”).

Mas o livro não é só uma fantástica descrição da beleza e da diversidade do ser vivo, ou um quadro em tintas foscas do futuro próximo. Dá também receitas sobre o que podemos fazer antes que seja tarde demais, sobre como mudar os nossos hábitos coletivos e individuais, os nossos consumos alimentares e energéticos. Em suma, o livro pode ser lido também como um verdadeiro e próprio manual do perfeito *new global* [nova globalidade]. Um “livro militante”, como o definiu Alleva.

### **Professor Niles Eldredge, está de acordo com esta definição de Enrico Alleva? Em outras palavras, sente-se um militante?**

Num certo sentido, sim, principalmente após os resultados das eleições de terça-feira passada. Agora penso que seja mais importante para mim e meus colegas sermos militantes, porque o clã de Bush nega o aquecimento global, não quer firmar o protocolo de Kyoto e assim por

---

<sup>10</sup> Edward Wilson, biólogo norte-americano (1929). Fundador da Teoria da Sociobiologia, é reconhecido mundialmente por seus estudos sobre insetos – principalmente formigas –, que auxiliam o entendimento dos conceitos ecológicos e genéticos da evolução dos animais e do homem. Em 1979, ganhou o Prêmio Pulitzer com ***Sobre a Natureza Humana***, obra escrita um ano antes. Seja como autor, co-autor ou editor, Wilson tem participação em 20 publicações de sua área. Seu livro ***A Diversidade da Vida*** (1992) é apontado como um dos melhores do século pela Biblioteca Pública de Nova Iorque. Um dos seus livros mais recentes é ***O futuro da vida: um estudo da biosfera para a proteção de todas as espécies, inclusive a humana***. Rio de Janeiro: Campus, 2002. (Nota do *IHU On-Line*)

diante. E, além disso, teremos sempre mais problemas para ensinar a evolução na escola. Este livro é uma síntese da biodiversidade sobre a terra, uma boa descrição de oceanos e da atmosfera, da origem da agricultura. Não são ensaios polêmicos, são ótimos ensaios científicos e creio que possam ser úteis. Mas, o verdadeiro motivo pelo qual este livro foi escrito, é o grave problema que precisamos enfrentar.

**Mas você crê que, nos EUA, as coisas possam andar até pior para a ciência do quanto já estão?**

Sim, porque Bush é ideológico e estúpido. A coisa que me horrorizou mais foi que, depois das eleições, declarou que seria o presidente de todos os americanos “que compartilhavam os seus valores”. Inquietante. Para ser sincero, lembra-me realmente Mussolini, com aquela sua bazófia e aquele seu desdém. Creio que estejamos até mais à direita do que pode parecer. Penso que a Europa deva sobrepor-se e tomar na mão a liderança do mundo inteiro.

**Voltemos ao seu livro. A palavra biodiversidade só se tornou moda recentemente. Como a definiria?**

Para dizê-lo em duas palavras, a biodiversidade são todas as espécies que vivem no planeta e em todos os ecossistemas. A palavra, cunhada pela primeira vez, em 1988, é a abreviação de diversidade biológica, *biological diversity*. Nos anos 1980, aconteceram duas coisas importantes. Em primeiro lugar, tornou-se mais claro o alcance da extinção em massa no que se refere à evolução sobre a terra; além disso, tornou-se mais claro que estamos no meio de mais um destes fenômenos.

**Mas, você diz e escreve: a maior parte das espécies se extinguiu, e após cada grande extinção há um florescimento de nova diversidade e é o momento no qual a evolução procede de maneira mais veloz. Por que, então, a conservação deveria ser um valor em si?**

O fato é que, neste momento, nós estamos aqui. E o nosso futuro depende em grande parte da saúde de todos os ecossistemas do planeta. Mesmo se, para o nosso sustento, não dependemos mais diretamente (como antes da invenção da agricultura) da energia dos produtos dos ecossistemas locais, temos comum necessidade de água, oxigênio e de muitos outros elementos químicos fundamentais: a cada dia, em todo o mundo, utilizamos algo como 40 mil espécies de plantas e animais (não-domesticados). E, como espécie, somos parte do ecossistema global: eis porque o nosso futuro depende do futuro do sistema global. A evolução produzirá novas espécies após a próxima extinção, mas só depois que aquilo que causa a extinção tiver cessado, isto é, nós.

**Um outro aspecto interessante do livro é aquele sublinhado por Pievani: a relação entre a diversidade biológica e a diversidade cultural...**

Há uma diferença fundamental. Nos sistemas culturais, a transmissão das informações, dos saberes, é horizontal, como explica Cavalli Sforza em seu último livro, *L'evoluzione della cultura* (publicado na Itália sempre pela editora Códice). Mas, nos sistemas biológicos (exceto raros casos de hibridação das plantas), esta transmissão ocorre apenas verticalmente, dos genitores à prole. Há, além disso, uma outra diferença, que, porém, não foi bem compreendida. Em biologia, uma espécie que se transforma em outra corresponde à transformação da informação genética. Nas transformações culturais, ao invés, com freqüência se verifica simplesmente uma solução diversa aos próprios problemas.



**E como avalia, nesta ótica, o impacto das patentes sobre o nascimento de novas idéias?**  
Eu penso que impedir outras pessoas de usar uma nova idéia seja um estímulo para encontrar alternativas melhores. Talvez tenha uma visão um pouco convencional. Mesmo tornando-me velho, penso que os meus dados deveriam ser publicados para poderem ser utilizados. Quando era mais jovem, era mais arredo e pensava: “Mas como, trabalhei duro para ter aqueles dados”!

[\(Voltar ao índice\)](#)

## Memória

**CELSO FURTADO**  
1920-2004

### LUTA PELO DESENVOLVIMENTO - UMA OBRA E UM EXEMPLO

*Cristovam Buarque, professor da UnB e senador pelo PT-DF, foi aluno do professor Celso Furtado. O artigo que segue é de sua autoria e foi publicado no **Jornal do Brasil**, em 21-11-04.*

Um dos homens que mais contribuíram para fazer do Brasil um país mais rico, hoje faz do Brasil um país mais pobre: morreu Celso Furtado, um dos pais de nosso desenvolvimento. Sua falta empobrece a vida intelectual brasileira. Raríssimos brasileiros deram ao país e ao mundo uma contribuição tão importante.

Formado em um país rural, exportador agrícola, apenas 30 anos depois da abolição da escravidão, no Nordeste brasileiro, Celso Furtado teve uma posição especial para observar o mundo em mutação social e usou seu privilegiado intelecto para entender e para orientar esta mudança. Mais do que qualquer outro, ele percebeu a dinâmica do que acontecia ao redor, entendeu a potencialidade e os riscos desta dinâmica e formulou caminhos para novos rumos que permitissem um desenvolvimento em benefício do povo brasileiro.

Furtado está por trás das melhores interpretações sobre a formação econômica do Brasil, desde nossa origem, no seu clássico *Formação econômica do Brasil*<sup>11</sup> e nos seus mais recentes trabalhos. Está por trás também dos documentos que deram as bases para o processo da industrialização do Brasil e para o desenvolvimento do Nordeste. E foi um dos que fizeram a arquitetura política e legal que permitiram transformar idéias e ações. Um homem que soube transformar os parágrafos de seus livros em artigos de diários oficiais.

Foi um pensador-ativo, contribuiu com idéias e ações. Seu nome ficará como um dos grandes intelectuais do seu tempo, por meio dos livros, e como um militante, presente nas grandes decisões do Brasil.

Ao lado disso, dele ficará também o exemplo de coerência. Lutou para fazer valer suas idéias, jamais abriu mão delas nem de seus valores. Serviu ao Brasil como pracinha durante a Segunda Guerra, na Itália, foi professor no mundo, autor e político, mas sobretudo dele fica

---

<sup>11</sup> Este livro foi apresentado pelo Prof. Dr. André Moreira Cunha, da UFRGS, dia 11 de setembro de 2003, durante o **Ciclo de Estudos sobre o Brasil**, promovido pelo IHU, no ano passado. Sobre a obra, o professor André Cunha concedeu uma entrevista ao **IHU On-Line** na 74ª edição, de 8 de setembro de 2003. (Nota do **IHU On-Line**)

para as próximas gerações o exemplo de como deve se comportar um intelectual, um brasileiro, um cidadão, um homem.

A inteligência brasileira ficou mais pobre, mas a história do Brasil ficou mais rica a partir de hoje. Ao morrer, Celso Furtado deixa menor nossa intelectualidade e maior a nossa história, pela lembrança do que ele fez e pelo exemplo que nos lega.

## CELSO, O INTELECTUAL DO OUTRO BRASIL

*Rubens Ricupero foi secretário-geral da Unctad (Conferência das Nações Unidas sobre Comércio e Desenvolvimento). Ele é o autor do texto a seguir, publicado no jornal **Folha de S. Paulo**, 21-11-04.*

Quando morreu Bobbio, **La Stampa**, o jornal de sua cidade, Turim, encimou sua primeira página com a manchete "Morre Bobbio, o intelectual da outra Itália". Havia no título três sentidos transparentemente ocultos. Bobbio era "o", não "um" intelectual dentre outros; sua Itália era "outra", não só porque deixara de existir, passando a ser história, mas porque era melhor que essa que está aí.

Sob o choque de que perdemos Celso Furtado, imediatamente lembrei-me desse exemplo. Do mesmo modo que Bobbio em relação à frustrada esperança de vida política melhor para a Itália, Celso representou para nós, brasileiros, "a" consciência moral e intelectual de um "outro" Brasil, que acreditava na "fantasia organizada" de construir, com autonomia, um desenvolvimento autêntico e justo. Sua morte põe simbolicamente fim aos 60 anos mais marcantes da história do Brasil desde a Segunda Guerra - não por acaso, ele foi um dos últimos pracinhas da FEB ainda ativos na vida pública.

Desse período, ele encarnou o melhor. Identificou-se com os governos Vargas, Kubitschek, Goulart, no que tiveram de mais nobre: o desenvolvimento como responsabilidade central do Estado, o planejamento como método racional para imprimir sentido e coerência ao trabalho dos milhões de atores anônimos da economia, a redução e a eliminação das disparidades regionais e sociais como condição de garantia de oportunidades iguais para a auto-realização de todos os brasileiros.

Nordestino de Pombal, no árido sertão paraibano, Celso se autodefinia pela paisagem natal - "eu sou como um cacto" -, mas era, na realidade, um homem de coração afetuoso e tocado pela poesia debaixo da áspera casca externa do sertanejo. Era também o mais universal, o mais "globalizado" e traduzido dos brasileiros.

Nenhum outro deu contribuição comparável à "desconstrução" do subdesenvolvimento, de início no Brasil, depois na América Latina e no mundo, como fenômeno histórico e estrutural de complexidade irreduzível à caricatura simplificadora do neoliberalismo triunfante. Primeiro na Cepal com Prebisch<sup>12</sup>, mais tarde na Universidade de Paris como professor, construiu uma das obras intelectuais mais ricas e sutis no domínio do desenvolvimento. Bem antes da escola institucionalista, a ele deve-se muito da valorização original da cultura como essência do processo de desenvolvimento.

---

<sup>12</sup> Raúl Prebisch (1901-1985): economista argentino, foi secretário geral da Comissão Econômica das Nações Unidas para América Latina e o Caribe (CEPAL-UNCLA) e posteriormente da Comissão das Nações Unidas para a Conferência das Nações Unidas sobre o Comércio e Desenvolvimento, UNCTAD (United Nations Conference on Trade and Development). Estudou e foi professor na Universidade de Buenos Aires. Foi também presidente do Banco Central da Argentina. É considerado o fundador e principal expoente da escola econômica chamada "estruturalismo latino-americano". (Nota do **IHU On-Line**)

Em junho, quisemos homenageá-lo na inauguração da Conferência das Nações Unidas sobre Comércio e Desenvolvimento (Unctad) em São Paulo, na presença de Lula e Kofi Annan. Devido à saúde, Celso não pôde ir, mas enviou-nos algumas linhas que, segundo me disse ao telefone, eram sua (última) mensagem ao povo brasileiro, a condensação, no mais alto grau de pureza e essencialidade, de tudo em que creu.

Afirmava que "a dimensão política do processo de desenvolvimento é incontornável" e que "o avanço social dos países que lideram esse processo não foi fruto de uma evolução automática e inercial, mas de pressões políticas da população". São essas, lembrou, "que definem o perfil de uma sociedade, e não o valor mercantil da soma de bens e serviços por ela consumidos ou acumulados".

"O verdadeiro desenvolvimento - não o "crescimento econômico" que resulta da mera modernização das elites- só pode existir ali onde houver um projeto social subjacente." E conclui: "É só quando prevalecem as forças que lutam pela efetiva melhoria das condições de vida da população que o crescimento se transforma em desenvolvimento."

Se não quisermos que a história brasileira se converta em fantasia para sempre desfeita, construção definitivamente interrompida, temos de escutar a lição que nos deixa ao partir esse grande brasileiro, amigo querido, mestre incomparável, que não poderemos nunca mais, em seu pequeno e acolhedor apartamento parisiense, escutar, ao lado de Rosa, a quem abraçamos, Marisa e eu, com afeto comovido e inconsolável.

## O MAIOR ECONOMISTA FOI UM SERVIDOR DA REPÚBLICA

*Francisco de Oliveira escreveu o artigo abaixo, que foi veiculado no jornal **Folha de S. Paulo**, em 21-11-04. Francisco de Oliveira é professor titular aposentado de sociologia do Departamento de Sociologia da FFLCH (Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas), da USP, e coordenador científico do Centro de Estudos dos Direitos da Cidadania da faculdade.*

Celso Furtado nos deixou na manhã de ontem, sábado, 20 de novembro. A República ficou mais escura, menor, e nós todos órfãos, humilhados e ofendidos. Privados de sua lucidez incansável, de sua visão ampla e generosa, de sua fidelidade republicana e democrática sem paralelo na vida pública brasileira.

Furtado não foi apenas o maior economista brasileiro e latino-americano de todos os tempos e um dos grandes cientistas sociais de nosso tempo.

Para além disso, foi um servidor da República, um servidor do povo brasileiro, sem alardes, sem farisaísmos, sem declarações grandiloquentes. Se sua obra teórica faz parte da própria construção nacional, sem o que não nos reconhecemos, sua obra de servidor público, talvez com menor visibilidade, é um patrimônio da nação, que convida a nos debruçarmos sobre sua figura austera, numa república plagada de vícios patrimonialistas.

Nos últimos 50 anos, a discussão sobre o Brasil, seus problemas, suas potencialidades, seus impasses e dilemas passou necessariamente pela obra de Furtado, desde que empreendeu sua cruzada oferecendo uma alternativa de interpretação e de ação contra os liberais autoritários de sua geração e, mais recentemente, contra os novos e falsos liberais. No fundo, os liberais brasileiros foram e continuam sendo disfarces de autoritários.

Nos anos 50, forneceu as bases para um programa nacional de desenvolvimento econômico, que plasmou o Plano de Metas de Kubistchek, com seu trabalho à frente do Grupo Misto BNDE-Cepal, de que foi o arquiteto e líder insubstituível.

Ainda na mesma década, qual novo Quixote, montado no Rocinante da Razão, enfrentou os "industriais da seca" e o latifúndio, tentando trazer o Nordeste para o século XX, engatando-o

no desenvolvimento nacional, que então mostrava capacidade de resgatar todas nossas pesadas dívidas. Sua obra na Sudene é de uma revolução federativa de que a ciência social no Brasil ainda não avaliou sua profundidade.

Sua dignidade, que prescindia, e mais, se horrorizava com os procedimentos da auto-heroicização, é tão contundente frente aos padrões predominantes no Brasil que mal se pode acreditar.

Testemunhei de perto, nos fecundos cinco anos em que trabalhei sob sua liderança na Sudene, desde o gesto aparentemente insignificante de partilhar o mesmo quarto num hotel na Bahia, para não estimular gastos perdulários com o dinheiro público, até sua firme e decidida reprimenda ao golpista general Justino Alves Bastos.

Na tensa calma da tarde de 1º de abril, aquele obtuso soldado comandante do 4º Exército se queixou de que Furtado não havia colaborado no transe da tomada do poder pelos militares. Ele respondeu sem bravatas que era um servidor público, e que o Exército não solicitasse sua colaboração, logo ele que foi oficial voluntário da FEB, para um golpe de Estado que havia destituído o governo legitimamente eleito, que repugnava às suas convicções republicanas. Dali, seu nome saiu para a primeira e nefanda lista de cassações de direitos políticos.

Poucos cientistas sociais podem se orgulhar de terem visto suas idéias transformarem-se em força social e política; a obra de Furtado passou por essa dura prova da História. Contra ou a favor, ela exige que se tome posição a seu respeito.

Na sua hora final, que permanecerá indecifrável para todo o sempre, o paraibano de Pombal talvez tenha pensado com amargura no destino da nação à qual dedicou o melhor de suas forças e de seu talento. Nós, seus discípulos, continuaremos com nossa teimosia a dizer que nada foi em vão, que suas idéias continuarão a fecundar a inteligência brasileira e a ajudar nosso povo a conquistar os seus direitos. O futuro não será um amontoado de ruínas.

## O FUNDAMENTALISMO MERCANTIL

*Em junho deste ano, Celso Furtado prefaciou o último livro de Ignacy Sachs, **Desenvolvimento – includente, sustentável, sustentado**. Rio de Janeiro: Garamond, 2004. Trata-se do último texto de Celso Furtado publicado em livro.*

“Em um futuro que, imagino, não será muito remoto, parecerá simples devaneio de intelectual ocioso a referência ao que está ocorrendo na América Latina, neste final de era marcado pelo fundamentalismo mercantil. Ninguém, em sã consciência, acreditará que um país rico como a Argentina, dotado de uma classe política tão sofisticada, haja sido conduzido, em 2003, a uma situação de tamanha ingovernabilidade e de liquidação de seus ativos.

“E também causará espanto o que está ocorrendo em outros países do continente. Como efeito, como explicar que uma economia com a vitalidade da brasileira, que, nos primeiros três quartos do século XX, beneficiou-se de um ritmo de crescimento superado apenas pelo do Japão, tenha se conformado com uma taxa de decrescimento (crescimento negativo, para usar o eufemismo da moda) no correr deste último decênio? Trata-se de satisfazer a exigências dos que arbitram as taxas de juros escorchantes que estão absorvendo mais que a totalidade da poupança nacional, conforme nos explicam consultores credenciados. E não se admite que as vítimas do sobre-endividamento apelem para métodos clássicos de autodefesa.

“Estas são questões que a coletividade tem não somente o direito, mas o dever de formular. A leitura destes ensaios de Ignacy Sachs, grande e lúcido conhecedor da problemática do desenvolvimento e, mais especificamente, dos impasses que enfrenta o Brasil no momento atual, nos encoraja a trazê-las para o primeiro plano. A leitura deste livro muito nos ajudará a

evitar a reprodução da fábula platônica, em que os prisioneiros confundiram a realidade com as imagens projetadas na caverna.”

## PARA ONDE CAMINHAMOS

*O último artigo de Celso Furtado foi publicado, há 12 dias, no **Jornal do Brasil**, que o republicou no dia 22-11-04.*

Os economistas da nova geração se interrogam freqüentemente sobre as causas das baixas taxas de crescimento da economia brasileira no último quarto de século. Os dados são surpreendentes se temos em conta que no quarto de século anterior o país apresentou um dinamismo considerável, colocando-se entre as duas ou três economias de mais rápido crescimento em todo o mundo. Os economistas não parecem ter explicação para essa mutação tão significativa.

Um país dotado de imensas reservas de recursos naturais e de mão-de-obra aplica uma política que se satisfaz com uma taxa de crescimento próxima de zero. Não é fácil descobrir as causas desse processo, mas devemos reconhecer que ele tem origem ou é reforçado pelo chamado Consenso de Washington, que não passou de um receituário neoliberal a serviço da consolidação da política imperial dos Estados Unidos.

De acordo com essa nova doutrina, surgida nos anos 1990, os estados nacionais já não teriam um papel importante na criação de empregos. Essa fórmula, que é o ideal do neoliberalismo, funcionou muito precariamente ou não funcionou. O Brasil se endividou desbragadamente, a ponto de comprometer sua governabilidade. Se persistirmos no caminho de crescente endividamento externo, reverter a situação será mais e mais difícil. E mesmo se o país tentar alguma forma de negociação com os credores, não poderemos vislumbrar solução fácil, pois o sistema financeiro internacional age com rapidez e unidade de comando.

Uma alternativa para escapar a esse quadro de grande vulnerabilidade externa seria o governo praticar uma punção interna que permitisse triplicar o superávit em conta corrente. Todavia, esse segundo caminho, se parece lógico em termos contábeis, é impraticável por suas implicações políticas e por exigir um profundo reajuste do sistema fiscal visando modificar o perfil da dívida interna.

Quando, nos anos 1990, os governantes aderiram ao famoso Consenso de Washington, adotaram, sem maiores explicações e sem debates com a sociedade, a doutrina de que era necessário concentrar as atenções nos mercados externos, condição essencial para recuperar o dinamismo perdido. Contudo, ninguém foi capaz de explicitar a razão de ser dessa mudança de estratégia, e nem por que ela seria mais benéfica a um país populoso e continental como o nosso. Aparentemente, a mudança decorria do fato de que as empresas transnacionais iam controlando progressivamente os centros de comando das atividades econômicas. Seja como for, o resultado dessa soma perversa do Consenso de Washington com as taxas de crescimento em fase de declínio foi a desarticulação do mercado interno e do parque industrial, acuando alguns milhões de brasileiros a buscar sobrevivência no trabalho informal. Hoje ainda sofremos as conseqüências desses anos do “consenso”. Se, inversamente, nos remetemos àqueles anos em que o Brasil apresentou taxas de crescimento elevadas, ou razoáveis, deparamo-nos com outro problema de igual gravidade. Refiro-me ao fato de que, historicamente, o dinamismo da economia brasileira se fez acompanhar de acentuada concentração de renda, o que é uma forma espúria de geração de poupança.

Alcançamos assim o fundo do problema: a variável que comandou o dinamismo da economia brasileira dos anos 1950 ao fim dos anos 1970 apoiou-se no processo de concentração da

renda. Não havia como escapar a essa dura realidade: o sistema econômico só funcionava de forma regular quando a remuneração do capital atingia determinados níveis. Essa constatação nos permite entender outro ponto intrigante da dinâmica da economia brasileira: suas extravagantes taxas de juros.

É inegável que há uma estreita ligação entre o processo de concentração de renda, o nível das taxas de juros e as taxas de crescimento da economia. Assim, para captar os paradoxos de nossa economia faz-se necessário ter em conta esses múltiplos fatores, aparentemente desvinculados.

Em poucas palavras: se as taxas de juros não forem suficientemente altas (e as do Brasil inscrevem-se entre as mais altas do mundo), os capitais estrangeiros não se sentem atraídos a investir no país; sem esses investimentos externos (os setores internos não dão conta das necessidades e acumulam um passivo considerável), o país tem pouca margem para crescer. Ora, apelar imoderadamente para os investimentos externos é aumentar de forma considerável a nossa dívida; da mesma maneira, promover o crescimento sem critérios sociais tende a agravar fortemente a concentração da renda.

Antes que se diga que se trata da quadratura do círculo, convém lembrar que a reforma fiscal, tão repetidamente prometida pelos governos recentes, é o instrumento mais adequado para enfrentar os problemas expostos acima. Essa reforma, contudo, não tem conseguido o apoio do Congresso Nacional.

A carga fiscal no Brasil é alta mas injusta, pois incide de forma desproporcional sobre a parte da população de menor poder aquisitivo, já que os impostos indiretos (essencialmente os de consumo) são relativamente os que mais pesam. Precisamos de uma reforma que modifique a distribuição da carga fiscal, liberando as camadas de baixa renda.

Não se trata de onerar mais ainda a classe média que paga Imposto de Renda, mas de corrigir um quadro de profundas desigualdades, cujo exemplo mais notório é o das instituições bancárias que, apesar de seus lucros fabulosos, são praticamente isentas de imposto. A reforma fiscal deverá corrigir essas distorções, mas não só.

Seu objetivo, tal como nos mostraram as reformas similares implantadas em países da Europa, é também o de criar sociedades mais homogêneas. Certos setores do sistema produtivo decerto sofrerão baixa de rentabilidade, mas é a sociedade como um todo que lucrará com o esforço de adaptação que visa dar ao governo os meios de enfrentar os sérios problemas sociais do país.

Em realidade, uma reforma fiscal pode ir tão longe a ponto de modificar o sistema de valores das classes dirigentes de determinada sociedade. No nosso caso, já se fez evidente a fragilidade das estruturas sociais resultantes de tantos decênios de concentração de renda conjugada com baixo crescimento. Esta é uma problemática que merece a atenção, não só dos jovens economistas, mas de toda a sociedade, e, em particular, dos nossos governantes.

## OBRA COMPLETA DO ECONOMISTA

*A obra literária de Celso Furtado, da qual **A formação econômica do Brasil** é considerado o livro mais importante, é vasta. O economista escreveu 35 livros e foi tema de outros tantos. Confira sua bibliografia completa, com os anos das primeiras edições:*

- 1946: "Contos da vida expedicionária: De Nápoles a Paris".
- 1948: "Economia colonial no Brasil nos séculos XVI e XVII".
- 1954: "A economia brasileira".
- 1956: "Uma economia dependente".

- 1958: "Perspectivas da economia brasileira".  
 1959: "Uma política de desenvolvimento econômico para o Nordeste"; "A formação econômica do Brasil"; "A operação Nordeste".  
 1961: "Desenvolvimento e subdesenvolvimento".  
 1962: "Subdesenvolvimento e Estado democrático"; "A pré-Revolução brasileira".  
 1964: "Dialética do desenvolvimento".  
 1966: "Subdesenvolvimento e estagnação na América Latina".  
 1968: "Um projeto para o Brasil".  
 1974: "O mito do desenvolvimento econômico".  
 1976: "A economia latino-americana"; "Prefácio à nova economia política".  
 1978: "Criatividade e dependência na civilização industrial".  
 1980: "Pequena introdução ao desenvolvimento: Um enfoque interdisciplinar".  
 1981: "O Brasil pós-'milagre'".  
 1982: "A nova dependência, dívida externa e monetarismo"; "El subdesarrollo latinoamericano — Ensayos de Celso Furtado" (antologia); "Obras escogidas de Celso Furtado".  
 1983: "Não à recessão e ao desemprego".  
 1984: "Cultura e desenvolvimento em época de crise".  
 1987: "Transformação e crise na economia mundial".  
 1985: "A fantasia organizada".  
 1989: "A fantasia desfeita"; "ABC da dívida externa".  
 1991: "Os ares do mundo".  
 1992: "Brasil, a construção interrompida".  
 1997: "Obra autobiográfica de Celso Furtado" (Três volumes).  
 1998: "O capitalismo global".  
 1999: "O longo amanhecer: Reflexões sobre a formação do Brasil".  
 2002: "Em busca de novo modelo: Reflexões sobre a crise contemporânea".

[\(Voltar ao índice\)](#)

## Deu nos jornais

### Jornais e revistas consultadas:

**Do Brasil:**

**Folha de S. Paulo, Jornal do Brasil, O Globo, Agência Carta Maior.**

**Do Exterior:**

**Espanha: *El País*; Itália: *Il Manifesto*; México: *La Jornada*; Portugal: *Público***

### **2,5 milhões deixaram classe média em 2003**

A classe média empobreceu de forma generalizada em 2003, mostra estudo do economista Waldir Quadros, da Unicamp. A notícia foi publicada pelo jornal **Folha de S. Paulo**, 12-11-04. Mais de 2,5 milhões de pessoas "deixaram" a classe média - integrantes de famílias com renda média superior a R\$ 1.000- no ano passado. Cerca de 57 milhões de brasileiros pertenciam a famílias com esse perfil de renda em 2002. Em 2003, eles eram 54,4 milhões para uma população total de 173 milhões. A classe média, portanto, que representava 33% da população total em 2002, passou a representar 31% em 2003. Segundo o estudo, 928 mil pessoas deixaram a classe média alta, e outras 680 mil que se enquadravam na classe média em 2002

já não poderiam ser incluídas no grupo no ano passado. Nem a classe média baixa escapou: perdeu 980 mil membros. A maioria esmagadora foi para as classes inferiores.

### **Ajuste recessivo e corte de gastos públicos custa caro**

O governo de Luiz Inácio Lula da Silva queimou gordura que não podia, avalia o economista Waldir Quadros, que elaborou o estudo, mostrando que a classe média “emagreceu” em 2003. Segundo reportagem do jornal **Folha de S. Paulo**, 12-11-04, Quadros diz que, a despeito da quase estagnação dos anos Fernando Henrique Cardoso (1995-2002), o ex-presidente começou o governo com o pé direito. “Houve a estabilização, quase toda a perda do período anterior foi eliminada, houve queda dos índices de pobreza. Ou seja, houve ganhos e, mesmo com a deterioração posterior, ainda havia um balanço positivo, mesmo que fosse apenas uma percepção de melhora.” O economista diz que a opção pelo ajuste recessivo e pelo corte de gastos públicos pode custar caro em termos eleitorais. “O crescimento deste ano ainda não será suficiente para recuperar o terreno perdido em 2003. FHC gastou um saldo acumulado nos primeiros anos. Lula já começou o governo no prejuízo, com perda de emprego, de renda, de padrão de vida da população”.

### **As implicações políticas do emagrecimento da classe média**

Para o jornal **Folha de S. Paulo**, 14-11-04, o emagrecimento da classe média, constatado na pesquisa acima referida, “certamente tem implicações políticas”. O editorial intitulado “Classe média em baixa” conclui: “Não é arriscado dizer que a deterioração econômica da classe média, já em curso no segundo governo Fernando Henrique Cardoso, foi um dos fatores que a levou em parte a migrar para um PT que se afigurava mais moderado e acenava com mais emprego e investimentos produtivos. Até aqui, porém, os resultados são parcos e isso talvez ajude a explicar os reveses eleitorais do Planalto no pleito municipal.” E continua o editorial: “Não é possível assegurar se o governo Lula encontrará ou não o caminho para livrar a economia brasileira da maldição do baixo crescimento. Talvez existam hoje condições melhores para isso, mas são claros os sinais de que um misto de conformismo e adesão a princípios que se prometera reformular vai dando feições definitivas à política econômica - e elas não inspiram maior otimismo”.

### **OAB vai ao STF por comissão para apurar dívida externa**

No dia 8 de novembro de 2004, o Conselho Federal da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB) aprovou em plenário o envio ao Supremo Tribunal Federal (STF) de uma Argüição de Descumprimento de Preceito Fundamental (ADPF) que solicita a instalação de uma nova comissão mista para concluir uma auditoria da dívida externa brasileira. “Dispositivo constitucional não se cumpre pela metade”, declarou Arx Tourinho, membro do Conselho Federal da OAB. A Argüição proposta pela principal organização dos profissionais do Direito materializa as posições defendidas pelos participantes do seminário “Ilegitimidade da Dívida: Um Caso de Auditoria”, ocorrido no dia 11 de novembro, no Auditório Petrônio Portela, no Senado Federal. “Se cumpríssemos a Constituição, o Brasil não estaria nesta situação”, argumentou Tourinho. De acordo com ele, o descumprimento do dispositivo em questão dificulta diretamente a garantia do artigo 3º da Constituição, sobre um dos objetivos fundamentais da República Federativa do Brasil: construir uma sociedade livre, justa e solidária. A notícia foi publicada pela **Agência Carta Maior**, 13-11-04. A dívida pública externa do Brasil está na casa dos US\$ 235 bilhões e a dívida pública interna chega a R\$ 1 trilhão. Em 2004, o governo brasileiro está destinando um total de R\$ 71 bilhões para pagamento dos juros da dívida pública. Neste mesmo ano, os recursos para investimentos no Orçamento não



ultrapassam R\$ 12 bilhões. A dívida externa dos países da América Latina, nos anos 1970, era de US\$ 60 bilhões. Em levantamento feito em 2000, o saldo devedor chegou aos US\$ 800 bilhões. Do início da década de 1980 até 2000, os governos latino-americanos pagaram cerca de US\$ 1 trilhão em juros da dívida.

### **Lula e a contagem regressiva da esperança**

**Lula: entre a impaciência e a esperança** é o título do livro de Cândido Mendes, que é comentado por Jairo Nicolau, cientista político e professor no IUPERJ, em artigo publicado no **Jornal do Brasil**, 13-11-04. Segundo o cientista político, no livro de Cândido Mendes “a dimensão da esperança de que o governo Lula cumpra as suas promessas é a dominante”. Mas Cândido Mendes pergunta: “Afim quem se beneficiaria da esperança frustrada?” Segundo Jairo Nicolau, Cândido Mendes acredita que dificilmente seriam os partidos tradicionais (PSDB, PMDB e PT), mas haveria alta probabilidade de ser capturada pelos movimentos evangélicos. A entrada destes no mundo político é destacada em diversas partes do livro: “Não existe força em expansão maior no Congresso que a desses diversos missionarismos, a largar, hoje, de uma dispersão entre várias bancadas para se reconhecer em partidos autônomos ou na captura de postos-chave no desempenho político de partidos tradicionais. Nem é possível imaginar qualquer equação política futura - tanto das supercidades quanto do tecido urbano tradicional - em que o mundo político possa furtar-se à aceitação, como nova variante decisiva de seus cálculos, da decisão evangélica de competir, e o fazer em clara disputa das lideranças, tanto no Executivo quanto nas bancadas da representação”. E o professor do IUPERJ assinala: “Quem observa a política carioca, em particular, percebe que algo inédito está acontecendo: uma mobilização popular de novo tipo, uma conexão entre denominação religiosa e captação de voto muito poderosa. A ambição evangélica na política nacional depende da capacidade de ampliação para além do somatório dos membros das várias igrejas (hoje cerca de 17% da população brasileira)”. “Dito de outra maneira, será que é possível vencer eleições presidenciais falando apenas para o mundo evangélico? Matematicamente parece que não. Mas o que se passou no Rio de Janeiro revela que o autor tem boas razões para ficar preocupado com os possíveis deserdados do governo Lula”, conclui Nicolau.

### **Em memória dos mártires**

Uma grande procissão e uma missa ao ar livre congregaram em San Salvador, centenas de sacerdotes, estudantes e membros de organizações sociais em memória do assassinato de 6 sacerdotes jesuítas e de duas trabalhadoras domésticas, informou o **La Jornada**, 16-11-04. O assassinato foi perpetrado pelo exército no dia 16 de novembro de 1989, em plena ofensiva da então insurgente Frente Farabundo Martí para a Libertação Nacional (FMLB). As vítimas foram: o reitor Ignácio Ellacuría, o vice-reitor Ignácio Martín Baró, Segundo Montes, Amado López, Juan Ramón Moreno, Joaquín López e a empregada doméstica Elba Ramos e sua filha Celina. Os estudantes da Universidade Centroamericana José Simeón (UCA) e várias organizações feministas defensoras dos direitos humanos, percorreram as instalações do centro de estudos da UCA. Na missa realizada, o reitor e padre jesuíta denunciou o sistema judicial do país, dizendo que “a justiça não dá espaço para os milhares de vítimas”.

### **A mulher que reza com o presidente**

Condoleezza Rice vai ser a segunda mulher - e a primeira negra - a ocupar o cargo de secretária de estado. No Brasil, o posto equivale à ministra das Relações Exteriores. A primeira foi Madeleine Albright, durante o governo Clinton. De acordo com o diário português **O Público**, 17-11-04, “Rice, 50 anos feitos no sábado, já tinha trabalhado com Bush pai e foi chamada a

campanha de George W. em 2000 para lhe dar educação sobre as coisas do mundo. Tornaram-se inseparáveis, e quando a corrida acabou em vitória ela seguiu-o. Para todo o lado: passam horas na Casa Branca; ela é a visita mais freqüente do rancho texano do Presidente ou da casa de Camp David, aos fins-de-semana; discutem uma paixão comum que é o futebol; rezam juntos”.

#### Rice e Bush partilham uma pulsão messiânica

O diário português cita a revista **Newsweek** que recentemente traçou um perfil de Condoleeza Rice: “Superficialmente, Bush e Rice são opostos: o rapaz branco e rico do Texas que nunca levou a escola a sério; a moça negra de classe média, que era uma estudante excepcional. Mas, na verdade, são uma combinação perfeita (...). Sabem o que é ser subestimado, e tiram um prazer evidente em seguir o seu caminho. Profundamente religiosos, a presbiteriana Rice e o metodista Bush partilham uma pulsão messiânica”. Continua o perfil de **Newsweek**: “Condoleezza Rice é neta de um plantador pobre de algodão e filha de um ministro da Igreja do Alabama. Não lhe bastava ser uma aluna excepcional e por isso tornou-se também uma notável patinadora no gelo e uma excelente pianista clássica. A carreira musical chegou a interessá-la, e ainda toca bem (Brahms é o seu compositor favorito)”. **O Público**, conclui que a promissora carreira de Rice pode a levar a outros vãos: “Há quem suspeite de outras ambições e antecipe um extraordinário duelo eleitoral para 2008, tendo a Casa Branca como disputa: Rice versus Hillary Clinton”.

#### “Derrota das forças desenvolvimentistas”

Ricardo Carneiro, professor do Instituto de Economia e diretor do Centro de Estudos de Conjuntura e Política Econômica da Unicamp, em entrevista à **Folha de S. Paulo**, 19-11-04, analisa a saída de Carlos Lessa do BNDES como uma derrota das forças desenvolvimentistas. “A saída do professor Lessa do BNDES é mais uma derrota das forças desenvolvimentistas no governo Lula. Não creio que a questão das críticas à política macroeconômica tenham tido importância. O que está em jogo é a política de crédito dirigido com recursos da poupança compulsória (FAT, FGTS) que vem sendo cobiçada pelos bancos, com o apoio do FMI e recentemente da Fazenda e do BC”, disse. E conclui: “A troca do professor Lessa pelo ministro Mantega enfraquece, praticamente elimina, o pólo desenvolvimentista. O ministro vem desenvolvendo uma política auxiliar à da Fazenda”.

[\(Voltar ao índice\)](#)

## Frases da semana

#### A demissão de Carlos Lessa

*“Lessa representava desenvolvimento, crescimento e compromisso com a economia nacional, claramente em oposição à política macroeconômica conservadora”. - João Sabóia, diretor do Instituto de Economia da UFRJ - **Jornal do Brasil**, 19-11-04.*

*“Pode-se colocar alguém no lugar até com o mesmo perfil, mas não terá a mesma dimensão. A sua saída deixa o caminho livre para o pensamento que privilegia o mercado”. - Luiz Jorge Werneck Viana, sociólogo e professor do IUPERJ - **Jornal do Brasil**, 19-11-04.*

*“Lamentamos profundamente que, no embate teórico recente, tendo de um lado Lessa na posição de defesa da produção e do emprego, e no outro o Banco Central, defendendo posição*

*financista, justamente o lado certo é que tenha sido afastado". - Newton Mello, Presidente da Associação Brasileira da Indústria de Máquinas e Equipamentos - O Estado de S. Paulo, 19-11-04.*

*"A elite brasileira é de uma crueldade total. Nossas elites querem desfrutar de um padrão de vida de primeiro mundo e, ao mesmo tempo, ter mão-de-obra doméstica ultrabarata". - Carlos Lessa, ex-presidente do BNDES - Agência Carta Maior, 19-11-04.*

*"A mudança de orientação do BNDES significa que o governo Lula abandona de vez o projeto de desenvolvimento social e distribuição de renda". - Sidney Pascotto, do Conselho Federal de Economia - Agência Carta Maior, 19-11-04.*

*"Nossa desgraça foi ter votado no Lula para, na verdade, eleger o Henrique Meirelles". - Raymundo Oliveira, Presidente do Clube de Engenharia - Agência Carta Maior, 19-11-04.*

*"Eu gosto do Mantega. É um bom brasileiro. Não é ainda um brasileiro com B maiúsculo. Acho que ele vai tentar, na medida do possível, impedir que se volte ao estado de coisas que eu encontrei dentro do BNDES. Agora, por fora, o que vão tentar reinstalar..." - Carlos Lessa, ex-presidente do BNDES - O Globo, 22-11-04.*

#### **Celso Furtado**

*"Com a morte de Celso Furtado o Brasil perde um grande pensador e um líder, mas sobretudo perde um homem que jamais abriu mão de suas idéias, de sua coerência ética e de sua paixão pelo Brasil. Morre pouco depois de saber da demissão da presidência do BNDES do seu discípulo, o professor Carlos Lessa, atropelado pelos interesses financeiros que comandam o Brasil já faz tempo e que conseguem destruir todos os brasileiros honestos que tentam resistir a sua onipotência. Talvez tenha sido o último gesto de protesto ou suspiro de tristeza deste grande patriota que foi Furtado". - José Luís Fiori, cientista político e professor do Instituto de Economia da Universidade Federal do Rio de Janeiro - Folha de S. Paulo, 21-11-04.*

*"Nós perdemos um dos raros brasileiros que foram capazes de colocar uma mente absolutamente lúcida a serviço do povo. Ele foi um dos homens que mais contribuíram para criar um Brasil rico e justo. Ele, como muitos de nós, estava em uma fase de muita inquietação e desconforto com a situação que estamos vivendo, com os rumos do país". - Cristovam Buarque, senador (PT-DF) - Folha de S. Paulo, 21-11-04.*

*"Nós sonhamos sempre com a civilização brasileira. A coisa mais importante é que ele era um homem inteiramente voltado para fazer do Brasil uma nação justa. O fato de ser o economista de maior repercussão brasileiro no mundo, ter sido professor em todos os lugares, ter ajudado a construir teorias novas, tudo isso é acessório. O que é fundamental é que Celso Furtado amava este país". - Carlos Lessa, ex-presidente do BNDES - Folha de S. Paulo, 21-11-04.*

*"Celso Furtado está aqui dizendo, ainda com muita força, ao presidente Lula, ao ministro Palocci, a todos os que o admiram: tratem de promover o desenvolvimento, tratem de combater a inflação, mas com o crescimento da economia, com aumento de oportunidade de emprego, e fazendo o que há anos ele vinha dizendo, que é fazer a economia crescer e erradicar a pobreza simultaneamente". - Eduardo Suplicy, senador - PT/SP - Folha de S. Paulo, 22-11-04.*

**Moeda é meio. Moeda não é fim**

*“Os bancos são os maiores interessados na manutenção dessa política de combate à inflação como objetivo central do governo. O objetivo central de qualquer política econômica de um país como o Brasil deve ser gerar empregos. Moeda é meio. Moeda não é fim”. – Darc Costa, ex-vice-presidente do BNDES – Folha de S. Paulo, 21-11-04.*

*“Qual é o projeto dos bancos para o Brasil? A única coisa que defendemos aqui foi o aparelho produtivo. Só o aparelho produtivo tem capacidade de acumular [riquezas]. Os bancos acumulam [riquezas] como predadores do sistema, mas tem de haver um limite para isso”. - Darc Costa, ex-vice-presidente do BNDES – Folha de S. Paulo, 21-11-04.*

**A política ambiental é um obstáculo para o governo Lula**

*“Marina Silva está numa sinuca de bico porque, no governo Lula, a política ambiental é tratada como obstáculo e não como desafio. Conquistas dos últimos 30 anos estão sendo jogadas no lixo. Para cada embate que a ministra ganha, perde dez. A questão é até quando ela vai resistir e continuar vinculada a um governo que não respeita a agenda ambiental”. – Marcelo Furtado, diretor de campanhas do Greenpeace – O Globo, 21-11-04.*

**Obs.** As editorias *Deu nos Jornais* e *Frases da Semana* sintetizam a atualização diária da página [www.ihu.unisinos.br](http://www.ihu.unisinos.br). Esta atualização é feita diariamente em parceria com o Centro de Pesquisa e Apoio aos Trabalhadores – CEPAT.

[\(Voltar ao índice\)](#)

## EVENTOS IHU

Participe das atividades do Instituto Humanitas Unisinos

### IHU Idéias

#### ARQUITETURA E TURISMO

As relações entre a arquitetura e o turismo pautaram o último encontro do evento **IHU Idéias**, realizado dia 18 de novembro no IHU. O tema *Metamorfosis: Arquitetura Turística em Florianópolis-SC* foi desenvolvido pelo Prof. Dr. Paulo Edir Rivero Martins, professor no curso de Arquitetura e Urbanismo da Unisinos. A palestra teve como base a sua tese de doutorado em Arquitetura, cujo título é *Padrões Arquitetônicos e Urbanísticos do Turismo em Florianópolis*. O professor fez uma análise do turismo como motor de transformação arquitetônica territorial e urbana, em Florianópolis, considerando o turismo como um sistema capitalista de produção. Com base nisso, estudou a mudança, a metamorfose, que a paisagem de Florianópolis sofreu em função da revolução arquitetônica. Paulo Edi concedeu uma entrevista sobre o tema ao **IHU On-Line** na 123ª edição, de 16 de novembro de 2004.

**Ecos do evento**

"Achei a palestra muito boa em função do debate sobre as obras do Niemeyer, que são pouco conhecidas. Essa discussão é muito importante, pois a Arquitetura tem uma visão social, quando relacionada ao turismo, que é ligado ao bem-estar da população. Aí entra também a preocupação com a questão do meio ambiente, que não ganha a devida importância".

**José Carlos da Cruz, aluno de Arquitetura na Unisinos e formado em Engenharia pela Universidade.**

"Foi muito interessante. O professor conseguiu abordar várias questões curiosas na relação entre arquitetura e turismo. Isso sempre deve ser considerado em cidades turísticas, como Florianópolis. As questões da preservação e da função social também são importantes nesse assunto".

**Cláudia Fávoro, aluna do curso de Arquitetura da Unisinos.**

## ECLESIOLOGIA HOJE

O encerramento do evento **IHU Idéias** para o ano de 2004 acontecerá na próxima quinta-feira, dia 25 de novembro, das 17h30min às 19 horas, na sala 1G119 do IHU. Na ocasião, será proferida a palestra *Por onde anda a eclesiologia, hoje? Limites e possibilidades depois de 40 anos da Lumen Gentium* pelos bispos eméritos Dom Frei Boaventura Kloppenburg, OFM, e Dom Frei Aloísio Lorscheider, OFM. O tema é abordado por eles e outros entrevistados na matéria de capa da presente edição. O evento é gratuito e aberto à comunidade universitária e em geral.

## Sala de Leitura

O livro ***Do Desespero Silencioso ao Elogio do Amor Desinteressado - Aforismos, novelas e discursos de Sören Kierkegaard*** foi apresentado por seu organizador e tradutor, Prof. Dr. Álvaro Luiz Montenegro Valls, na última edição do evento **Sala de Leitura**, promovido pelo IHU, dia 16 de novembro. Publicamos a orelha do livro na 123ª edição do **IHU On-Line**, de 16 de novembro de 2004. No texto, Álvaro Valls adianta os caminhos a serem percorridos pelos leitores da obra. Confira a opinião de quem participou do evento:

### Ecos do evento

"Gostei muito do evento, que chamou a atenção pelo assunto abordado. O professor Álvaro falou sobre outros livros que ele traduziu, e eu encontrei três deles aqui em casa, que eu nem sabia que tinha. Agora ele me despertou o interesse e vou lê-los. A palestra foi de muita valia, no sentido da ajuda do professor para descobrir a ironia do autor do livro, Sören Kierkegaard, que falava de maneira irônica para dizer as coisas de forma suave. Ele era totalmente novo para mim".

**Santa Lourdes de Vargas, aluna do curso de Filosofia da Unisinos.**

"O livro é interessante, porque traz trechos da obra de Kierkegaard que ainda não estavam disponíveis em português. E esses trechos são os mais belos da obra dele ou os mais literariamente interessantes. O livro não traz o trabalho filosófico do autor, e é aí que está a graça da obra".

**Gabriel Rossatti, mestrando em Filosofia na Unisinos.**

## EDUCAÇÃO PELO ESPORTE

Na próxima edição do evento **Sala de Leitura**, dia 30 de novembro, das 17h30min às 19h, na sala 1G119 do IHU, a professora Prof.<sup>a</sup> MS Suzana Schuch Santos, da Unidade de Ciências da Saúde da Unisinos, apresentará o livro **Educação pelo Esporte: Educação para o Desenvolvimento Humano pelo Esporte**, de Walderez Nosé Hassenpflug (São Paulo: Instituto Ayrton Senna, 2004). O evento é gratuito e aberto à comunidade acadêmica.

## Ciclo de Estudos sobre o Brasil

O encerramento do **II Ciclo de estudos sobre o Brasil** aconteceu no último dia 18 de novembro, ocasião em que o Prof. Dr. Jaime Ginzburg, da Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas da USP, apresentou o livro **Dialética da colonização**, de Alfredo Bosi. Confira na 123ª edição do **IHU On-Line**, de 16 de novembro de 2004, uma entrevista concedida pelo professor sobre o tema.

### Ecoss do evento

"A palestra de ontem foi a culminância de uma análise bem encaminhada nesses dois anos de ciclo de estudos. Foi um fechamento com chave de ouro, pois o professor colocou as controvérsias que existem na obra **Dialética da colonização**. Em sua análise, ficou claro que aqueles que contestam a obra, muitas vezes, usam argumentos que não têm fundamentação. As discussões polêmicas sobre o livro nos levam a repensar o Brasil e a vê-lo de maneira diferente".

**João Alberto Steffen Munsberg, diretor do colégio e do curso pré-vestibular PV Sinos, de São Leopoldo.**

"Além de apresentar o livro em si, o professor falou sobre as críticas feitas à obra. Ele também abordou a evolução do autor ao longo do tempo, mostrando como ele mudou o seu modo de ver as coisas depois de **Dialética da colonização**. Achei interessante a forma como o Bosi enxerga a discussão sobre a colonização, de forma dialética".

**Lisiane Acosta Ramos, aluna do curso de História da Unisinos.**

## Encontros de ética para alunos

Dia 29 de novembro de 2004, será realizada mais uma edição do evento **Encontros de ética para alunos**, promovido pelo IHU. O tema *Crises dos universitários*, será apresentado pelo Prof. Dr. Hilário Henrique Dick, professor na Unidade de Ciências Humanas da Unisinos. O evento é gratuito e acontece das 17h30min às 19h, na sala 1G119 do IHU.

[\(Voltar ao índice\)](#)

## IHU REPÓRTER

### Roberto Westphalen Haleva

*Em todas as empresas onde trabalhou, Roberto Haleva sempre liderou o ranking de resultados, pelos quais é obstinado. Na entrevista que segue, ao*



---

*relatar os principais passos de sua trajetória pessoal e profissional, ele define suas características mais fortes: disciplina, determinação, capacidade de conciliação, exigência e franqueza. Atualmente, como diretor da Unidade Acadêmica de Pró-Educação da Unisinos, Roberto Haleva acredita que a Unisinos está no caminho certo em seu processo de transformação.*

**Origens** - Nasci em Porto Alegre. Fui criado muito próximo dos meus avós maternos, em uma família muito grande, já que minha mãe tinha 10 irmãos. Em um grande casarão, eu convivi com todos eles, pois minha mãe era a filha mais velha. Tenho duas irmãs, uma mais velha e uma mais nova.

**Influência religiosa** - O único irmão do meu pai era um pastor pentecostal evangélico e meu avô, Moisés Westphalen, pai da minha mãe, era um positivista. Ele nos falava muito, a vida inteira, sobre Augusto Comte. Meu avô era um homem muito culto. Minha mãe era católica.

**Formação** - Estudei o primário e o ginásio em colégios públicos de Porto Alegre. Cursei o segundo grau no Colégio Rosário. Fiquei durante um ano prestando serviço militar e depois fiz vestibular, ingressando no curso de Administração de Empresas da PUCRS. Fiz um curso de especialização em Administração no Rio de Janeiro, na primeira turma de MBA da Coppead, na UFRJ, exclusivo para o Banco Garantia/Lojas Americanas/Brahma.

**Profissão** - Meu primeiro emprego foi como estagiário da financiadora GM, que funcionava junto a todas as empresas do grupo General Motors. Depois de alguns anos, saí da empresa e fui trabalhar no Carrefour. Na GM, tive a forte influência americana e no Carrefour foram os franceses que me ensinaram outra cultura e outra forma de gestão bastante interessantes. Gostei muito de trabalhar no Carrefour, por ser uma empresa que descentraliza e dá aos funcionários a responsabilidade pelas decisões. Trabalhei no Makro Atacado, uma empresa holandesa, maior atacado da Europa, onde conheci muita gente competente. Depois disso, comecei a trabalhar nas Lojas Americanas, dirigida por um grupo forte de empresários brasileiros. De lá, surgiu um convite para trabalhar no Grupo Portobello, uma fábrica de revestimentos cerâmicos de Santa Catarina. Eu trabalhei na assessoria do presidente do grupo. Depois dessa etapa, vim para a Unisinos, onde estou há quase quatro anos. Assumi o Câmpus, com uma boa equipe que já existia e venho tentando executar o que há por fazer conforme os direcionamentos, anteriormente, da Pró-Reitoria de Administração e, hoje, da reitoria da Universidade.

**Família** - Sou casado com a Sônia há 13 anos. Temos duas filhas, a Laura, de quatro anos, e a Júlia, de um ano. A família é fundamental para a formação da pessoa. Amadureci muito sendo pai e completei um ciclo de realização.

**Autor** - James Clavel, que escrevia sobre a cultura oriental, japonesa e chinesa.

**Livro** - Fizeram a diferença na minha vida os livros de Augusto Comte e algumas partes da Bíblia. Também me marcaram os livros que li sob influência do meu avô, como **Os Lusíadas**, de Camões, e **Dom Quixote**, de Miguel de Cervantes. Também gostei de **A arte da guerra**, de Sun Tzu, e hoje leio **Meu jeito de fazer negócios**, de Anita Roddick.

**Filme** - *Um estranho no Ninho*, de Milos Forman, com o ator Jack Nicholson.

**Presente** - Não sou apegado a nada. Qualquer coisa que eu ganho me deixa feliz só pelo gesto.

**Nas horas livres** - Assistir a filmes com minha esposa.

**Um sonho** - Proporcionar sustentabilidade para minha esposa e minhas filhas. Quero deixar um patrimônio suficiente para que elas não tenham que se preocupar com isso.

**Momentos marcantes** - As perdas do meu avô e da minha mãe marcaram bastante. Uma experiência feliz e inesquecível foi a lua-de-mel que eu e a Sônia fizemos três anos depois do casamento. Realizamos uma viagem de navio ao Caribe, durante uma semana.

**Unisinos** - Uma instituição honesta, com tradição, e um câmpus maravilhoso. Para conquistar o padrão atual, tem e sempre teve uma gestão exigente. Atualmente, está em transformação, porque precisa competir e está sofrendo a pressão dessa competitividade de fora para dentro. Ela está atuando para mudar e está sabendo se movimentar. Acredito que ela está no caminho certo, acertando o rumo, as ferramentas e o foco.

**IHU** - Conheço ainda pouco do Instituto Humanitas, olho mais pelo **IHU On-Line**. Vejo o IHU como a consciência da Universidade, uma linha de pensamento, um viés, uma meditação, um ponto de escuta e reflexão.

[\(Voltar ao índice\)](#)

## Sala de Leitura



"Indico o livro **Abusado - o Dono do Morro Dona Marta**, de Caco Barcellos. Rio de Janeiro: Editora Record, 2003, 557 páginas. O livro retrata a vida da comunidade do Morro Dona Marta, no Rio de Janeiro, as atividades do Comando Vermelho na favela e o crescimento de crianças e jovens numa circunstância sem volta e seu envolvimento com o tráfico. O autor convida o leitor a subir o morro e conhecer a vida do traficante Juliano VP, personagem central da história, na realidade Marcinho VP, assassinado dois meses após o lançamento do

livro. Ainda que focado num personagem, desenha toda uma trama de relações sociais, econômicas e políticas, amigos, famílias, o sofrimento e a angústia de mães, imersa numa realidade clandestina e obscura para a sociedade organizada. Num texto jornalístico bastante ágil, a cumplicidade do autor com os personagens do livro nos coloca às vezes "torcendo pelo bandido". Também é interessante a discussão sobre o papel da imprensa no relato destes casos e a deturpação de uma realidade desconhecida".

**Prof. MS Olavo Amaro da Silveira Neto, graduado e mestre em Arquitetura, professor e coordenador adjunto do Curso de Arquitetura e Urbanismo e do Curso de Especialização Arquitetura Comercial da Unisinos.**



"Estou lendo o livro **Insultos impressos - a guerra dos jornalistas na independência. 1821 a 1823**, de Isabel Lustosa. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. O livro trata de como a imprensa trabalhou a Independência do Brasil. Desde a chegada da corte portuguesa ao Brasil, em 1808, a imprensa tinha sido proibida de veicular vários assuntos. A Independência veio em favor da democracia brasileira, e a imprensa se levantou. O jornal se fortifica nesse



período graças à Independência. O livro é importante porque mostra o papel político da imprensa. Tem uma passagem em que Dom Pedro adota um pseudônimo para poder debater suas idéias e interesses no jornal. A autora do livro coloca que, naquele período, o jornalismo não tinha grande preocupação com a parcialidade, dando espaço até para insultos. O papel do jornal era político e panfletário".

**Prof.<sup>a</sup> MS Patrícia Weber, graduada em Jornalismo, mestre em Ciência da Comunicação, professora na Unidade de Ciências da Comunicação da Unisinos e funcionária da Rádio Unisinos.**

[\(Voltar ao índice\)](#)

## ENQUETE DO SITIO DO IHU

Confira o resultado da enquete da última semana, em que os internautas opinaram sobre a seguinte frase:

"Basicamente, o governo Lula é o terceiro mandato da Era FHC e, do jeito que as coisas estão andando, o próximo presidente, seja qual for, será o quarto". A opinião é de Luiz Carlos Mendonça de Barros, economista, ex-ministro das Comunicações e um dos principais pensadores do PSDB. A opinião foi expressa, primeiramente, no 28º. Encontro Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais - ANPOCS, realizado em Caxambu, nos dias 26 a 30 de outubro e reiterada na longa entrevista publicada pelo jornal O Estado de S. Paulo, 14-11-04. Considerando essa frase, você concorda que o governo Lula é o terceiro mandato da Era FHC?

sim, concordo plenamente - 37.5% dos votos  
sim, concordo parcialmente - 43.75% dos votos  
discordo totalmente - 12.5% dos votos  
discordo parcialmente - 6.25% dos votos

### Comentários à enquete

- Concordo parcialmente, porque não se pode negar que em algumas questões "periféricas" a gestão Lula está melhor do que as de FHC. Entretanto, na questão central, ou seja, a política econômica, financeira e monetária está pior, muito pior. (Luiz Carlos Correa Soares - Curitiba - PR).

- Por enquanto, os maiores beneficiados do governo Lula foram os bancos e demais especuladores financeiros.

- O que o Lula esta fazendo é organizar o país, tem que fazer as mudanças necessárias para o crescimento. Já deixou mostras nas suas viagens, com verdadeiro sentido de crescimento, e não só para representar e dar palestras ao estilo de FHC. É sim um governo totalmente diferente. Acredito que alguns poderosos, vendo o que o governo está fazendo, estão assustados com as mudanças, pois pensavam que o Lula ia bagunçar tudo e falir o país, coisa que não está acontecendo, pelo contrário.

[\(Voltar ao índice\)](#)

## Cartas do leitor

Desnecessário dizer a importância da **Revista Online**. Disponibilizamos cópias da mesma para consulta na Biblioteca do Colégio PVSINOS. Todavia, as cópias não são duráveis e nem práticas para a consulta. Assim sendo, solicitamos, encarecidamente, uma assinatura da referida **revista impressa**.

Contando com atendimento, somos gratos.

**Marília Schreck e João Alberto Steffen Munsberg, secretária e diretor do PV Sinos**

[\(Voltar ao índice\)](#)

### **EXPEDIENTE:**

*IHU On-Line é uma publicação semanal do Instituto Humanitas Unisinos – IHU –, da Universidade do Vale do Rio dos Sinos - Unisinos. Diretor do IHU: Prof. Dr. Inácio Neutzling (inacio@bage.unisinos.br). Diretora Adjunta: Profª MS Vera Regina Schmitz (verasc@poa.unisinos.br). Gerente Administrativo: Jacinto Schneider (jacintos@unisinos.br). Redação: Inácio Neutzling, Sonia Montañó (soniam@bage.unisinos.br), Pedro Luiz S. Osório (osorio@bage.unisinos.br) Mtb 4579, e Graziela Wolfart (grazielaw@unisinos.br). Revisão: Profª Mardilê Friedrich Fabre (mardile@unisinos.br). Consultoria: Agência Experimental de Comunicação (AgexCom). IHU On-Line circula às 2ªs feiras via e-mail e pode ser acessado no sítio [www.ihu.unisinos.br](http://www.ihu.unisinos.br). Sua versão impressa circula na Unisinos. Endereço: Av. Unisinos, 950 – São Leopoldo, RS. CEP 93022-000 E-mail: [ihuonline@unisinos.br](mailto:ihuonline@unisinos.br) . Fone: 51 5903333 – Ramais 4121 ou 4128. E-mail do IHU: [humanitas@unisinos.br](mailto:humanitas@unisinos.br) . Ramais: 1173 e 1195.*



INSTITUTO  
HUMANITAS  
UNISINOS